

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE OUTUBRO DE 1899

N.º 18

## A Grã-Bretanha e o Transvaal



O PRESIDENTE KRUGER E SUA MULHER  
à porta de casa em Pretoria

## Chronica Electrica

## À GUERRA!

O que eu sinto...



GRANDE chuva de estrellas no ceu e na terra!

Novembro aproxima-se.

Enquanto os astrónomos vão preparando os instrumentos para que das doidas correrias das Leonidas pelo firmamento, nada lhes escape, o lisboéta vai puchando pelos cordões á bolsa para que das recitas da Sarah, da Rejane, da Granier e da Harding, nenhuma lhes escape tambem.

Grande chuva de estrellas no ceu e na terra!

E enquanto pelas ruas, de nariz no ar, muitos embasbacarão ante o espectáculo deslumbrante do baile das estrellas, muitos outros tambem, silenciosos e attentos, escutarão no D. Amelia a voz deliciosa de Sarah, pasmarão ante a finura da Granier, e encantar-se-hão com a graciosidade da Harding!

E se algum lhes perguntar porque prefere dar meia libra para vêr uma das estrellas da terra, quando tantas pôde vêr das do ceu, o lisboéta, aplaudindo a Sarah, gritando pela Granier, festejando a Harding, dirá:

— Sarah... ha uma; Granier... ha uma; Harding... ha uma; Leonidas ha muitas.

No seu primoroso artigo a *Guitarra*, publicado ha tempos n'esta Revista, dizia o sr. Marrecas Ferreira que não estava averiguada a origem da guitarra.

Passados dias recebia o illustre escriptor um bilhete de Fernandes Costa, o poeta illustre, o escriptor diamantino, agradecendo a citação d'uns versos seus, e com as seguintes quadras no verso do bilhete:

Quando Deus creou Adão,  
Uma guitarra lhe deu;  
Pois a primeira guitarra  
Fôra inventada no ceu.

E quando a Adão encontrou  
A nossa primeira mãe,  
Ficou logo apaixonada  
De ouvi-o tocar tão bem.

No fim quando os dois cederam  
A serpente que os tentou,  
Da perda do Paraizo  
A guitarra os consolou.

Estas quadras não eram destinadas á publicidade, mas o *Brasil-Portugal* é que não resistiu á tentação de as publicar, correndo o risco de o accusarem de indiscreto.

São a genese da guitarra!

N'essas tres quadras, d'um poeta como Fernandes Costa, teem os investigadores um feixe de luz lançado sobre o ponto mais obscuro da historia da guitarra.

Resta agora saber de que eram leitias as cordas da primeira guitarra.

O *Brasil-Portugal* aposta que eram de raios de luar! Os senhores que investiguem.

BRASIL-PORTUGAL



Se vejo com pavor as luctas carniceiras  
Que empenham as nações, chamadas as primeiras,  
Nos campos da batalha,  
Ah! quando a sós comigo e o Eterno me concentro,  
Ouço não sei que voz a mim bradar cá dentro:  
— É Deus que ali trabalha!

Por mais que ousado vão aos ceus a aguia eleve,  
Nos ceus ha um limite além do qual em breve  
Fallece a aza e taes

Como as aguias os reis!... Subiram, mas solemne,  
O dia ha de chegar em que Deus os condemne  
E brade-lhes — Não mais!

No chão não ha raiz que diga á Terra — estanca  
A seiva que me dá! Nem aguia ou pomba branca  
Que engeite o vôo alado!...  
Não ha um lavrador que entaie em cal e pedra  
A fonte de crystal, de cujas aguas medra  
A arvore, a flor, o prado!...

E onde ha no mundo um povo a outro povo extranho?...  
Ou odio fígadal, intrinseco, tamanho  
Que a todos nos divida?!  
Se a Terra, o mar profundo e o proprio sol são pouco  
Por darem vida a um lyrio: haverá hoje um louco  
D'um Cezar que decida,

D'encontro ás sabias leis por Deus dadas ao mundo,  
Que um homem, cujo peito infinito e profundo  
Abrange a Terra e os Ceus,  
Guerreie o proprio irmão que é d'elle a propria essencia,  
A luz, o ar, a vida, a força, a providencia,  
Que deste-lhe, meu Deus?!

Ou não!... Tu mandarás o dia em que a Justiça  
Obrigue os a expiar com fronte submissa  
Dos crimes o estendal  
Que encheu de sangue e horror as paginas da Historia,  
Servindo de lição, ficando por memoria,  
Em prol do teu Ideal!...

E o mundo hade voltar á fonte d'onde veio,  
E ser todo elle amor, justiça e paz!... Já leio  
Signaes de nova Luz!...  
As crenças do Passado estando já em terra,  
Vem prestes a surgir a nova lei que encerra  
Os sonhos de Jesus!...

E eu beijo e adoro a mão que impelle e rege o mundo,  
Que deu a flor ao campo; os sés ao firmamento,  
E o espirito divino  
Aos nossos corações! Que toda a creatura,  
A' flor que desabrocha, ao astro que fulgura,  
A todos deu destino!

Por isso eu n'este mar, sobre este chão d'abrochos,  
Por onde cae amaro o pranto dos meus olhos,  
De fito no Senhor,  
De fito no Ideal, minha alma não se inquieta:  
Confia e sobe a Deus, é como a borboleta  
Que vai poisar na flor!

# A Grã-Bretanha e o Transwaal



**A**

PRIMEIRA vista, ou, antes, á vista de quem nunca viu a Africa do Sul, o conflicto que rebentou entre a Grã-Bretanha e o Transwaal desenha-se como mais uma realisação politica da humanissima fabula do lobo e o cordeiro. As negociações dirigidas pelo imperialismo phrenetico de lord Chamberlain — julga-se, — paraphrasearam o se não foste tu foi teu pae da



fera de La Fontaine, que, segundo abalissados genealogistas, era parente do leopardo britannico. Portanto, o sentimentalismo armou-se em favor dos boers, os radicallismos estão acudindo declamatorios pela

Republica Sul africana, os mestres de ceremonias do ditto publico e internacional escorujaram o prepotente estrangeiro que quiz regular a seu talante o systema eleitoral d'um povo livre, e as rivalidades, as invejas, os odios, que são a contra-prova univ

versal da grandeza da Inglaterra, tomaram os sobrinhos do tio Paulo sob a protecção das suas sympathias.

Mas a verdade é que o sentimentalismo não raciocina; que os radicalismos julgam-se obrigados a ser fieis ao mero rotulo, sincero ou fallaz, de qualquer republica; que os doutrinarismos nunca souberam reconhecer devidamente a legitimidade da necessidade; que os governantes que á bocca pequena censuram a Inglaterra fariam peor do que lord Chamberlain tem feito ou quer fazer, se estivessem na mesma situação que o gabinete britannico tendo o mesmo poderio que elle. Porquê essa situação não é singelamente a de um forte perante um fraco, o forte habilitado pela sua força a ser magnanimo, o fraco obrigado pela sua fraqueza a mostrar-se altivo. Também não é apenas a d'um estado soberano em relações, boas ou más, com outra soberania, adstricto, portanto, a pautar essas relações pelas normas geralmente admitidas no convivio internacional. Bem observada, revela-se mais complicada e mais perigosa. Tão complicada que nos codigos e nas convenções faltam preceitos positivos que se lhe possam applicar strictamente para resolver, em paz e sem sacrificio de interesses attendidos, as difficuldades accumuladas que a constituem. E tão perigosa para o proprio governo que se suppõe tel-a creado caprichosamente, que bem pode dizer-se com exacção, embora o ditto thena ares de paradoxo, que esse governo poderoso apenas se defende quando tanto parece atacar, e, aceitando ou preparando a guerra, antes obedeceu á necessidade de conservar o que possui do que se deixou impulsivo pela ambição de engrandecer-se.

Advertia-se, antes de tudo, que o Transwaal não é tal o cordeirinho do fabulista, que o lobo esquarterou com uma dentada. Não o é na inermia, nem tão pouco na innocencia e na mansidão.

A força militar de resistencia d'um estado não se mede só pela estatistica da sua população. Essa estatistica conta apenas uns duzentos e setenta mil boers, de todas as edades e sexos; e, não obstante, poucos povos ha no mundo, incluso os de maior prosapia, que possam desafiar o poderio britannico com tanta certeza, não de o vencer, — que ninguém o vence, — mas de o obrigar a penosos esforços para não ser vencido. Bem calculado, talvez custasse menos aos senhores dos mares o bater a França, para lhe arrebarhar Fashoda, ou expulsar da China os tenazes allemães, do que lhes custará occupar Pretoria, que lhes custará occupar Transwaal. Não vendo o mar, os transwaalians estão livres de ser vistos pelas baterias fluctuantes do inimigo, e essa é a maxima isenção, a melhor segurança,

que pode desejar quem tem brigas com bretões. As serranias do seu paiz natal cobriram-n'os com um tecido de fortificações como nunca soube planear nenhum Vauban. N'esse paiz entranhado não são numerosos os habitantes, mas cada qual é um soldado rijio; ao passo que se os ingleses povoam o mundo inteiro, poucos povoam casernas. Tamanhas vantagens militares favorecerem os burghers que só elles, no universo e desde os tempos de Napoleão, podem gabar-se de ter aniquilado tropas britannicas sem a victoria os aniquilar a elles. Grandes são, certamente, as desproporções entre os belligerentes d'amanhã, mas todas se reduzem tanto no campo da batalha, quando esse campo tem de ser as montanhas em que já se celebrisaram Laing's Neck e Majuba, que não falta quem mesmo agora aponte nos desastres da Inglaterra ou a figure recuando antes da lucta. Os espiritos cavalleirosos, que pretendem que nas contendas internacionaes se meçam as espadas dos contendores como nos duellos, e que nunca perdoaram a Moltke o não ter dado batalha aos francezes senão com forças superiores, não poderão, pois, accusar os ingleses de abusarem *coherdemente* da sua superioridade. Os boers são os primeiros a não acreditarem n'ella. Ensoberbecidos ou fanatisados, já se veem dentro de Cape-Town, de Durban e, provavelmente, de Lourenço Marques, entradas tão maravilhosamente como os israelistas entraram Jerichó; e ora, a confiança, o proprio fanatismo, tambem são forças, e das mais inquebrantaveis. Já o deu a entender um membro do congresso de Pretoria: o logar historico de povo eleito do Senhor, vago desde a morte de Jesus, foi agora provido nos boers por empenhos de Paulo Kruger. Um povo capaz d'estas crencas é sempre um inimigo temeroso.

De mais, os boers, que tanto valem só por si, não estão isolados, como estava ermo e só, á beira do riacho limpido, o cordeirinho com que os comparan. Não se annuncia que vão levantar-se por elles e com elles os *afrikanders* de toda a Africa do Sul? Não se conta que esses afrikanders, os *homens d' Africa*, brancos nascidos no continente negro, nascidos de muitas raças mas principalmente da hollandesa, são mais numerosos do que os ingleses nos proprios dominios da Inglaterra? Não se está observando, com surpresa, que até o governo do Cabo tem condendencias e ternuras para os vizinhos que se armam contra a soberania britannica? Pois estes

factos, estes indicios, revelam e caracterisam o verdadeiro estado de coisas na Africa do Sul, o estado de coisas que aconselha a Inglaterra a pegar em armas para conjurar, a golpes d'energia, os perigos que ameaçam o seu dominio; que a move a aceitar hoje uma guerra cruenta para evitar outra guerra futura contra mais numerosos e mais proximos adversarios; que a obriga a abater o orgulho do Transwaal para manter em respeito todas as populações *non implenas*, os seus proprios subditos e, talvez, Cecil Rhodes.

Se o Adamastor recuperasse a fala e conversasse com a rainha Victoria, annunciar-lhe-hia futuros casos negros, mórmente se tem escutado, no silencio dos ventos e das vagas, o segredar dos chefes afrikanders, irmãos ou socotos dos boers. O dominio britannico na Africa Meridional não está seguro. Conspira-se lá abertamente pela emancipação, regateia-se a sujeição e a lealdade á metropole apesar da largueza com que ella concede franquias, pensa-se vagamente em constituir federações de republicas independentes. Até já se tem recocado que estas aspirações, em parte suggeridas por interesses economicos, que são os mais persuasivos, encontrem para se executar um homem que tem o *record* dos



Conselheiro Antonio Ennes



Mapa do Transwaal e seus limites

empenhamentos aventureiros, e que os gabinetes de Londres temem mais do que utilizam. Ora, o espirito separatista dos *afrikaners* e o espirito de independência dos boers, transformado já em animadversão implacável, estimulam-se reciprocamente. Este dá àquelle exemplo prestigioso e offerece-lhe socorros; aquelle promete a este apoio para as suas reivindicações, mesmo violentas. Evidentemente, nenhum *afrikaner* do Cabo ou do Natal sonharia, sequer, com a renúncia da tutela britannica, se os orangistas e os transvaalinos não a tivessem já conseguido e não possessem ajudar os vizinhos a reivindicá-la também; certamente, o governo de Kruger seria agora mesmo menos intransigente e arrogante, se não contasse com o auxilio, pelo menos moral, dos aliados natu-  
raes que tem no campo dos seus proprios inimigos. Esta coalizão, talvez ainda não pactuada, já hoje é grave e promete para amanhã uma conflagração que se alastre desde o Drackenberg até à Meza; e estreitar-se-ha, e ganhará afoiteza, se o imperio deixar acreditar que não tem poder ou não tem resolução para esmagar, implacavelmente todas as rebeliões e corrigir duramente todas as aggressões. O imperio precisa, para não perder a Africa Austral, manter toda a attenção da sua força; e para manter a integridade de ter de empregar força contra os adversarios, precisa também proteger os interesses dos adeptos, que ainda conserva.

Não pode, pois, fraquejar, visto estar realmente atacado; não pode ser mesquinho e tolerante, porque se defende. E a defesa da sua soberania na extremidade meridional do continente africano não é indifferente à segurança do seu poderio marítimo e do seu dominio colonial. Passa por alli um dos caminhos da India, caminho a que o canal de Suez não tirou a importancia commercial e strategica, visto como as esquadras britannicas não senão-relam ainda o Mediterraneo

Desde que tomaram uma attitude declaradamente hostil à Inglaterra, — e não pode ser mesquinho e tolerante, porque se defende. E a defesa da sua soberania na extremidade meridional do continente africano não é indifferente à segurança do seu poderio marítimo e do seu dominio colonial. Passa por alli um dos caminhos da India, caminho a que o canal de Suez não tirou a importancia commercial e strategica, visto como as esquadras britannicas não senão-relam ainda o Mediterraneo

Se o Transvaal fosse manso por indole e innocente de intenções, teria tido o instincto, — ao menos o instincto, — uma vez reguladas satisfatoriamente as suas relações com o antigo soberano, de tornar essas relações amistosas, de evitar novos embates com a *penúlia de ferro* que uma vez o poupára, de substituir à tradição nacional de rancor aos ingleses uma politica de reconciliação com elles, ou, á falta de melhor, de dissimulação. Mas o governo de Kruger não comprehender os beneficios que ao paiz adviriam d'esta moderação habil, d'esta modesta sagaz. Altanado com a victoria, aspirou abertamente a completa-a, e um dos meios que para isso escolheu pareceu ter sido escolhido de proposito para escandalisar a Inglaterra e desrespeitar o pacto ajustado com ella. O convenio de 1884 prohibia-lhe celebrar accordos com potencias estrangeiras sem autorisação da chancery de Londres; elle, porém, requereu a amizade e protecção da Alemanha. Deu preferencias aos interesses allemães. Favoreceu syndacatos financeros germanicos. Imaginou abrir, com o auxilio de Berlim, um caminho seu para o mar. Armou-se com armas allemãs e pediu lições militares a officiaes que tinham servido a aquia imperial. E estes seus manejos pareceram bem-sucedidos. Pelo menos, em janeiro de 1896, pôde dizer-se, — e creiam-nos certamente todos os ingleses, que leram o telegramma do imperador Guilherme felicitando Kruger por ter debellado a invasão Jameson, — que a república havia encerrado um alliado ou padroeiro disposto a arrancar da espada por ella e pela sua independência. O desnudado caso fez estrondo no mundo todo, e, apesar da flegma nacional, os nervos britannicos vibraram. Nem admira! O unico direito de suzerania que a coroa britannica quizera conservar no Transvaal fora o de manter-o isolado do convívio politico e internacional; devia, pois, ser penoso aos ministros d'essa coroa verem d'improvisamente o seu da rainha Victoria dar ostentadamente o braço ao presidente Kruger.

Se Kruger fosse um estadista, se fosse, sequer, um espirito perspicaz, teria comprehendido que a ruidosa congratulação imperial era o maior desserviço que se podia ter feito à Republica. Não sei se elle chegou a ter a illusão de que a Inglaterra deixaria a Alemanha, com a sua influencia e os seus interesses politicos e commerciaes, pender de mão na Africa do Sul pela porta aberta do Transvaal, ou de que allemães e ingleses se tornariam desinteressados a hegemonia sobre a república africana; o que, evidentemente, não occorreu á sua simplicidade foi que o gabinete de Londres, deede que recessa, como já tinha motivo para recear, que o gabinete de Berlim lhe creasse difficuldades em regiões por elle consideradas incluídas na sua exclusiva esphera de acção, havia de encontrar



Mr. Chamberlain

meio de o desinteressar e desviar, para ficar a sós e ajustar contas com quem tivera o mau senso de acreditar que os factos podem impunemente metter á bulha os fortes para elles passarem por baixo das armas cruzadas. Foi o que succedeu. A Allemanha abandonou os boers á sua sorte. Kruger não desesperou. Atribuiu o abandono a não sei que intrigas de syndacatos e de secretarias, e esperou que Mr. Leyds propiciasse o imperador no seu regresso da Palestina, onde devia ter haurido inspirações generosas; por ella mais essa esperança, nem assumo se previera contra as ameaças, evidentes, que o convenio anglo-allemão encerrava no seu sigillo. Se a Inglaterra se empenhava em ter os braços livres na Africa do Sul não era, certamente, para acariar os boers. A mais elementar sagacidade aconselhava, pois, o governo transvaaliano a evitar todos os motivos, os pretextos até, com que ella pudesse autorisar o uso d'essa *liberdade de acção*, que pagara por preço ainda des conhecido; elle, porém, continuou a deixar a dominar pela *anglophobia*, que se bataba para fóra das fronteiras nacionaes; continuou a fazer do paiz um foco de propaganda, de excitação, de resistencia, de odio contra tudo quanto era inglez, desde a soberania até ás mercadorias; e, tendo vindo suscitarem-se, ou, antes, agravarem-se as reclamações dos *uitlanders*, teimou em desatendel-as, mesmo quando ellas eram modestissimas, e deixou-as avolumarem-se e exacerbarem-se até ao ponto de autorisarem, — se não perante o stricto direito, ao menos em nome da equidade, os rationaes interesses economicos, a intervenção do governo britannico, tão desejada pelos imperialistas!

Erros d'estes, tão inspirados pelo orgulho, pagam-se duramente; e os traços, que os commetteem, perdem o direito ás sympathias que a fraqueza deve inspirar!

Creio bem que as queixas dos *uitlanders* não foram a causa real ou primaria das severidades do ministro Salisbury, tão pacifico por inspirações do seu presidente: essas severidades foram-lhe antes determinadas pela attitude provocadora, intransigente, hostil, da Republica, que animava e fomentava abertamente as propensões rebeldes das populações *non inglesas*, que procurava conluar-se com as potencias rivais da Inglaterra para mais seguramente a afrontar, cujo presidente não perdia ensejo de pessoalmente invectivar e ameaçar os ingleses, cujos cidadãos apuravam as pontarias das espingardas imaginando alvejar facilidades racionais, o qual deliberado, não direi mover guerra aos boers, mas abatel-os ao ponto de os tornar inoffensivos, e mostrar assim ao separatismo *afrikaner* que de pouco valeriam taes aspirações para a realisação das suas aspirações. Todavia, se a questão dos direitos dos estrangeiros não passou d'um pretexto aproveitado para pôr em pratica essa deliberação, deve reconhecer-se que foi bastante acaudalado o habilitante de raça branca, oitenta mil *non uitlanders*. Não existe, pois, nenhum outro estado no mundo em que os estrangeiros sejam proporcionalmente tão numerosos. Districtos ha, os mais ricos de todos, os districtos mineiros, que são quasi exclusivamente povoados por elles. Sendo a população hoje formada por familias, e a estrangeira, em grande parte, composta de homens só, é possível até que o numero de varões d'este grupo se approxime do d'aquelle. Não será legitimo, não será pelo menos natural, que semelhante *minoria* tenha, perante a maioria com que quasi se nivella, numericamente, uma situação mais favorecida do que a das minguidas colonias forasteiras que nos estados normalmente constituídos se somem dentro das multidões nacionaes?

Essa *minoria*, de mais, possui quasi todo o capital activo e produtivo da empreza do paiz; é o elemento da escolaridade e da civilização do Transvaal. Sem os *uitlanders*, os boers ainda hoje seriam tribus no estado de transição do regimen nomada e pastoril para o regimen agricola, tribus pobres e incultas apascentando

os seus gados e arrastando as suas carretas-casas por cima dos jazigos auríferos do Rand, sem os terem descobertos, sem os terem descobertos, sem os terem descobertos. Para a fortuna da sua patria, os boers só tem contribuído com o solo, que nem sequer tiveram o merecimento de escolher; tudo mais fizeram-n'os os estrangeiros, e mórmente os ingleses, á custa de milhões de libras, de milhares de vidas, de duros sacrificios, de ingentes esforços, de arrojadas iniciativas, a que os *burghers* se conservaram alheios, isolados nas suas *farms*, desconfiados e invejosos, escogidos de traços de se apoderarem, por meio de exações fiscaes, do producto da labutação dos intrusos. D'esses intrusos é que o estado vive: taxas pessoases, direitos exorbitantes sobre a importação de subsistencias, direitos monstruosos sobre a exportação do ouro, preços encarecidos pelos monopolios da agua, do alcool, da dytama, alcobolas de torca e specieis, tudo é pago pelos *uitlanders*, porque os *burghers* reservaram para si todos os direitos, incluindo o de extinguir aos encargos, da gestão da sociedade commum. Pode, pois, dizer-se, que na Republica Sul-africana, o elemento nacional é quasi inutil á vida nacional. Se amanhã os boers emigrassem outra vez, no paiz que hoje



Cecil Rhodes

ocupam ficaria tudo quanto n'elles constitue riqueza ou representa cultura, ao passo que na região que elles fossem povoar reapareceriam os bandos erradios, de cafres brancos, que ha mais de meio seculo se expatriaram para o norte do Orange, levando a si a sua civilização em carretas; e então se veria se esses bandos são capazes, só por si, de constituir uma sociedade progressiva!

Um governo intelligente ter-se-hia esforçado por absorver na comunidade nacional a população estranha, tão necessaria e ao mesmo tempo tão poderosa, embora tomasse precauções para que ella se não tornasse absorpçora; o do Transvaal empenhou-se em privar-a de todos os direitos, de todos os meios de influir na administração, de todos os recursos para se fazer representar, em dois annos, os *uitlanders* — e só elles — improvisaram a cidade de Johannesburg, que a curto trecho se tornou a mais rica, mais sumptuosa, mais populosa do estado; pois essa metropole da industria mineira não tem administração municipal electiva, e os seus moradores não intervêm na gerencia dos serviços urbanos, porque não nasceram no solo sagrado da Republica! Julga-se, porventura, que os estrangeiros indispuzeram contra si os governantes pretendendo substituir-se-lhes, reclamando o exercicio de direitos que influissem na resolução das questões capitais do estado? Pois não succeder assim! Principiarão por pedir voz *consultiva* relativamente aos assumptos que mais de perto lhes interessavam, como regulamentos mineiros, e aos serviços municipaes d'aguas, esgotos, hygiene, illuminação. Mas nunca obtiveram senão promessas, inqueritos, expedientes dilatorios! Naturalmente, essa resistencia exaltou-os: quanto mais lhes negavam, mais elles pediam, e chegarão, talvez, a pedir exorbitancias. O conflicto accentuou-se. De ambas as partes houve exaggeros. O governo fez se perpetrator, os *uitlanders* tornaram-se rebeldes. Tramaram-se conspirações; a policia inventou outras. A situação agravou-se de dia para d'a. Veiu, afinal, um momento em que a obstinação de Kruger pareceu ceder, mas era já tarde: o governo britannico julgára chegado o momento oportuno para intervir.

Essa intervenção foi abusiva? É perante o direito stricto foi; mas justificam-na as razões moraes e economicas e, ainda mais, a pratica,



General Joubert  
Commandante das forças boers

só desatendida, mas sacrificava, e esses interesses, abandonando-os até a rapina dos especuladores! O monopólio da dynamite, especialmente, exaggerando o preço d'esse artigo, causou prejuizos insuportaveis á industria mineira para locupletar syndicatos, de que se diz que os governantes eram socios. Tinham os estrangeiros, ao menos, liberdade de se retirar, e de retirar os seus capitães, d'um paiz que assim os maltratava? Não, porque as liquidações seriam ruinosas. Só havia dois meios praticos de corrigir semelhante estado de coisas, e esses eram collocar o governo da Republica sob uma tutela estranha, que de continuo lhe fiscalisasse os actos, ou dar aos interesses que elle lesava systematicamente meios legais e pacificos de se defenderem, intervindo na gerencia publica. Este segundo, menos oppressor do que o primeiro, foi o preferido pelos ministros da Inglaterra; não creio que outros estadistas, nem aquelles que declamam contra a prepotencia britannica, descobrissem expediente menos violento que desse satisfação aos milhares de nacionaes e aos milhoes de libras, cujas queixas, inteiramente sympathicas ao mundo de negocios como é a Africa Meridional, e recommendadas pelos seus principios economicos que toda a Inglaterra professa, começavam já a abalar a confiança dos inglezes e dos seus capitães na protecção da coroa.

Outra attenuante do procedimento da Inglaterra é a sua situação especialissima perante o Transvaal. Se a Inglaterra não é soberana do Transvaal, pelo menos não lhe é estranha, como qualquer outro Estado. Dado que o convenio de 1884 revogasse o de 1851 — o que é discutivel — aquelle convenio estaria que a Republica Sul africana não tem, por assim dizer, personalidade internacional, não pode celebrar tratados com outros estados nem com chefes indigenas, sem approvação da chancellaria de Londres. Esta restricção importantissima constitue-lhe uma dependencia, colloca a sob uma tal ou qual tutela da Grã Bretanha. A tutela não se estende legitimamente, é certo, á administração interna, mas nem por isso deixa de dar ao tutor uma supremacia politica, um como protectorado, certos direitos moraes, que não chegam a legalisar, mas desculpam, a ingerencia n'esses negocios. É para notar-se que o proprio governo transvaalano não repelliu tal ingerencia, como incompativel com os foros e a dignidade do estado,

senão quando se decidiu ao rompimento; antes, tinha discutido as propostas de Milner, accettato algumas, formulado outras. Assim reconheceu que, a despeito de todas as theorias juridicas, são tão intimas as ligações da Republica com o seu amigo soberano. Tão capitales os interesses que elle conserva no paiz, que estes interesses, aquellas ligações, os factos economicos, a propria tradição, conferem á Inglaterra prerogativas, que os codigos e os convenios não delinham nem reconhecem, mas que até á consciencia dos boers se impõem. Não só o direito politico negro, realmente, as relações dos povos e as dos individuos. Não se tem visto, por exemplo, violar esse direito e intervir, justificadamente, na governação de nações independentes a abusarem, como a Turquia com os seus vassallos, ou para assegurar liberdade religiosa, ou para salvaguardar principios economicos?

Depois d'uma negociação em que nenhum dos negociadores andou de boa fé, porque um desejava a rejeição do que propunha e o outro annulava com a mão esquerda o que concedia com a direita, o Transvaal preferiu a guerra á acceptação de condições que, no seu entender, punham em risco ou restringiam a independencia nacional. Tem sido muito louvada, por briosos, esta deliberação intransigente; por mim, não sei associar-me a esses louvores, como não applaudo hontem a intransigencia da Hespanha, tambem tida como heroica. Se os boers se precipitam na guerra convictos de que vencem, fazem lembrar o touro que investe com a comboio; ora, a bravura inconsciente é um merecimento do sangue de brutos mas não uma excellencia de creaturas racionais! Os boers sabem que vão ao encontro da ruina? Assemblam-se então ao luto que se suicida por meio de que, o luto, nem, em todos os *uitlanders* a abusarem, durante muitos annos, dos direitos politicos que lhes conferissem, não causariam maior estrago á Republica do que lhe causará a derrota certa. Para a independencia, e até para a existencia, do estado, o maximo perigo é a aventura bellicosa a que se abalançou Kruger.

As admirações que estão sendo tributadas aos boers derivam d'um criterio que não é racional, nem humano, nem moderno, nem justo, e que considera o valor, — o valor que affronta os perigos com a morte e com o desprezo, — um dos mais preciosos dotes humanos. Esse valor é, realmente, uma benemerencia quando move os individuos a sacrificarem-se pelas collectividades ou por principios que devem melhora-las; mas as nações, e os governos que as dirigem, precisam subordinar-lhe as inspirações e os impetus ás conveniencias da conservação e da prosperidade. A missão dos governantes não é como romances de cavallaria. Um estado regido por D. Quixote seria um manicomio de muitas leguas quadradas. O proprio Kingo Pango da Africa do Sul, esse heroe manchego. Até na adversidade, até na humilhação, o primeiro dever, a necessidade capital d'um estado, é conservar-se, mesmo porque só existindo poderá levantar-se e desforrar-se. Affligido um povo por calamidades e ameaçado por perigos, a sabedoria dos seus regentes consiste sempre em escolher o menor mal. É o que Kruger não soube fazer. Por brio? Seria, mas não sei distinguir esse brio do orgulho, nem me parece que haja em tal sentimento mais abnegação do que egoismo.

Ha um outro sentimento mais difficil, mais meritorio, mais altruista, e por isso mesmo rarissimo: é a *coragem de ser fraco*, a coragem de aceitar as provações a que está sujeita a fraqueza. Essa coragem tanto não exclue a dignidade, que em muitos casos é a unica verdadeira e bem entendida dignidade. Os boers não a tiveram agora; os hespanhcos não a conheceram nunca; nós, portuguezes, tambem a não contamos entre as virtudes nacionaes. Foi de vez quando aprendi a, que bem precisa nos é! O procedimento de uma fraqueza desforra o que é um erro atavico, que nos vem dos tempos rudes em que a força era a unica superioridade, a unica excellencia; um erro que nos irmana moralmente como os selvagens da Africa e da Oceania. O esforço, sim, o esforço é dever e virtude quando pode ser proveitoso; o esforço contra o impossivel não passa d'um acto de delirio do amor-proprio. Assim como se não enalteece por esforçado o homem que se não arreda do caminho d'uma locomotiva, tão pouco merece ser celebrado o governo, ou o povo, que se aferrar-se sobre o colosso do poderio, não em embato. Em semelhantes transees não se discutem direitos, cede-se á necessidade. A força não dará direitos aquelles que dispõem d'ella, mas cria deveres aos que ameaça. Deve-se respeitá-la e temelá-la, como se respeita a furia do mar, como se teme o raio. A humilhação não, é força e esmagá-la. Precisa-se contar mesmo com a sua propensão immanente para abusar. Abusou sempre, continuará a abusar até ao fim dos seculos. É imprvidencia esperar que o leão tenha sempre as garras encolhidas. O Transvaal, atravessado no caminho das ambições da Inglaterra; o Transvaal provocando a Inglaterra, suscitando-lhe inimizades e rebeldias, não podia confiar em que o leopardo britannico se deixasse prender pelo tenue fio de convenções ou acambar pela equidade, ou domesticar pela justiça!

As coisas são o que são: governantes que se orientem pelo que devia ser, façam versos, mas não façam politica. Afinal, se a força se subordina ao direito, de que lhe serviria ser força? Estas realidades serão desoladoras, mas não ha protestos nem indignações que as atenuem, e que as desconhecem, e que as responsabilidades dos males que por isso soffre. O Transvaal é o principal responsavel da sorte que o espera. Lord Chamberlain, com as suas exigencias e a sanção d'essas exigencias, não é nenhum imprevisto; é antes uma fatalidade que a si mesmo se annunciou desde muito, e que teve até a condescendencia de caminhar lentamente. Podem agora os olhos que a não quiseram ver! As suas lagrimas choram atrahir compaixão, mas a sua cegueira não merece sympathias. A sua queda dos traços não é resistir aos fortes, mas evitar os conflictos com a força.

ANTONIO ENNES

Queluz, 15 de outubro.

# As praias portuguesas



**E**QUANTO, por lado de terra, um cordão de hespanhoes nos cerca, por lado do mar outro cordão nos debrua, um cordão de portuguezes, de mão dada, tomando mergulhos, ou saltando das pranchas...

Do burguez Pedronços ao pittoresco Moledo, milhares de pessoas, em cuccas, nadam de agulha e esperam a cada...

Os dois mezes de banhos entraram decisivamente no modo de ser portuguez. Agosto e Setembro nas praias passaram a fazer parte do orçamento de todo o cidadão nacional, que tiver uma verba para extraordinarios.

O tomar banhos, que ainda ha pouco era apañado dos privilegiados da fortuna e dos que o pareçiam ser, é hoje um oasis regular na vida de todo o

pao de familia, que consegue uma licença da sua repartição ou uma folga nos seus afazeres.

Os comboios, a moda, e os senhores das praias, conseguiram essa emigración annual.

Portugal é hoje o paiz que, em relação ao desenvolvimento das suas costas, possui mais praias de banhos. Mais e melhores.

No dia em que o bom gosto e os réclames conseguiram mostrar aos frequentadores de Biarritz, aos elegantes de Ostende, aos banhistas de Brighton, etc., o bem disposto da praia do Estoril, o pittoresco da praia da Nazaré, a curva enorme da Figueira, os pinheirais da Granja, a belleza de Villa do Conde, a situação maravilhosa de Aneora, os mil passeios encantadores de Moledo — a emigración para as nossas praias não será apenas peninsular; será europia.

D'isso estão convencidas varias parcerias que tem tentado montar entre nós estações de luxo, hibernac e veranis. D'isso tem a certeza a Companhia dos Grandes Expressos Europeos, e dos grandes Hotéis, e das companhias de navegação da America do Norte, que ainda ultimamente entravam n'um grupo de capitalistas que tentava a concessão dos terrenos do Estoril, Cascaes e Guia.

D'isso estão convencidos todos, menos os nossos governos, que não tem querido explorar Portugal sob o ponto de vista do pittoresco, nem as camaras municipaes, que não tem contribuido em coisa alguma para o embelezamento das praias que lhes estão sob a tutela, ou das aguas thermaes que ficam dentro das suas jurisdicções.

Para uns e outros, se vencer o candidato X, está cumprida a sua missão...

E Portugal que se governe!

A manhã está clara, tépida.

Vamos sair a barra a bordo de um yacht ideal...

Desçamos o Tejo, fassemos em frente da Torre de Belém.

Ah! está a primeira praia, a praia classica, Pedronços, estendendo o seu areal e a sua casaria n'uma grande extensão.

Pedronços. A uma hora de Lisboa em americano, e a um quarto de hora em comboio. Foi a praia chic dos nossos avós.

Hoje é a praia burgueza por excellencia.

Toma-se banho cedo. Almoça-se cedo. Janta-se cedo. E deitam-se cedo.

A 3 horas da manhã, a praia classica, Pedronços, e as mezinhas para o escriptorio, os papia para a repartição, e as mezinhas para o piano...

A noite reúnem-se no club e fazem jogos de prendas. «Mentes tu...» «Então onde estavas tu?» «Em casa do padre cura...»

E o nosso yacht vae seguindo, paralelo ás barracas de madeira, onde a filha do Gomes, alfyette, corre os madrigaes do filho do Nunes, guarda livros...

Alga. Uma continuação de Pedronços na linha das casas e no recheio das ditas.

Corre-lhe ao longo uma alameda, com uma vista deliciosa, que serve de picaideiro amoroso aos amantes balnears, e do rendez-vous a todos em geral.

A vida é pouco mais ou menos igual á do Pedronços, apenas com menos gente e mais sombras.

No fim da alameda alveja o *Defundo*, sem caracter proprio, a não ser o que lhe dá a fama dos seus *restaurants* e das pandegas que lá se fazem.

A margem alceia-se um pouco e debrasa-se

de casitas alegres. Um rio murmura e vem passar sob a ponte do caminho de ferro.

E' a Cruz Quebrada.

Lá está o palacio dos condes de Thomar a cupulal-a, fronteiro a um castello fingido, de calça, e o edificio do club, com uma sala de baile magnifica, onde ás vezes, por acaso, a pasata colonia balnear faz a estrocinice de dançar uma valsa...

A praia é pequena, mas chega, porque os banhistas, se não tiverem espaço, esperam nos helyos outros, na bonhomia de pessoas de bons costumes, que se dão esplendidamente uns com os outros.

Quando por acaso se organisa algum *pic-nic* á Senhora Aparecida, ou a outro ponto do interior, a Cruz Quebrada despoxa-se. Não todos. Ninguém fica. Porque a sua divisa é socialista e grande: *Todos por um, e um por todos...*

E' tambem isso o que succede n'aquella praia que nos apparece agora com um fraquissimo forte a defende-la — *Caxias*... Praia pacata, com uma rua em angulo, lavada de sol, onde um papagajo diz coisas, e um conselheiro lê, n'uma cadeira de vira, as ultimas novidades do *Diario de Noticias*. *Caxias* impõe-se pelo socego. E' praia de engorda.

Faz ali a margem mais uma bahia, na ponta da qual outro forte se levanta, do tempo de D. João IV, o *Restaurador*.

Aquella figura que lá surge... — não te assustes — é uma creada a estender a roupa...

Começa ali *Pago d'Arcos*, patria do patrão Joaquim Lopes.

E a praia de mais movimento da linha de Cascaes. Não quer isso dizer que seja a mais bonita. Mas os gostos não se discutem...

Estende-se a sua casaria desigual, do forte da Giribita á Escola de Torpedos, e n'esse comprimento se desenrolam tres praias distinctas.

A de leste é uma praiasita pacata, onde mergulha um resumido numero de pessoas. A do meio é uma praia de *high-life*, para raras apenas. A de oeste é a praia geral, onde se vê Paço d'Arcos em *maillot* ás riscas, a tomar o seu banho, de manhã cedo.

Uma vista de olhos...

As Liliis dão gritinhos dentro do li yido elemento e fogem dos Lulias que lhes atiram agua para os olhos. Um *leão* recita *Sons de Passos* a uma banhista, de alpercatas e *l-rygon*.

Ah! o Brito cobre de pavor o rostinho da Nunes, fingindo que se afoga... Aqui são as filhas do commandador, que saem altivas da barraca, na impempenha de quem traz a barriga a commenda do papá...

Mais além é um grupo que combina um *pic-nic*, dois namorados que se arrufam, uma ve-ha que critica as creadas... E aqui perto, dois pães de familia dizem que os ordenados não lhes chegam, enquanto as filhas, no banho, se entregam a um *flirt* aquatico com os filhos do primo de um visconde arruinado...

Se fomos á noite ao club, essas scenas repetem-se, apenas com a differença de serem em sécces. Paço d'Arcos é a venda transplantada, é a missa do Loreto repetida, é a multiplicação da Baixa; é, n'uma palavra, Lisboa — escolhida. Continuemos.

Estamos em frente da ponte de *Oeiras*. Passa um expresso para Cascaes. No *wagon-bar* tomam-se refrigerantes e discute-se a roleta.

Oeiras é uma praia que começa, por ora sem caracter.

Sahimos a barra. A costa mette para o norte, já a fazer a grande bahia em que se avista a *Farele* — descampado pedregoso onde em quatro annos se fez uma praia, e onde, até, para cumulo do progresso, já se joga o *tennis!* — depois do Estoril, e por fim Cascaes.

O primeiro Estoril que se encontra é *S. João do Estoril*, com os seus *chalets* ás riscas, como meias de creadas de servir, acavallados uns nos outros pelo mau gosto dos commerciantes felizes, approvado com o gosto ainda peor dos mestres de obras... infelizes.



A Torre de Belém



O Hoque de Pedronços



Praia de Pedronços



O primeiro Estoril que appareceu, o Estoril pae, foi o do meio — *Santo Antonio do Estoril*. Lá tem ainda a sua igreja e as suas casas velhas, entre os chalets novos, como monumentos archeologicos para a historia da

sua vida... D'elle nasceram dois filhos: um á direita, chamado *Monte Estoril*, e feito pela alta burguezia; outro á esquerda, chamado *S. João*, e feito pela burguezia modesta. Enquanto o *Monte Estoril* fazia um parque, elegante, sombreado, de ruas de areia fina, *S. João* fazia as suas ruas a *Mac-Adam*, e discutia a mão de obra das suas casas...

Enquanto o *Monte* salpicava o seu pinhal de chalets, esbeltos como os chalets de Cannes, *S. João* fazia os seus «fosses mais barato», e punha-lhes por fora os nomes das suas filhas e das suas caras metades...

O *Monte* illuminava-se a luz electrica! *S. João* contentava-se com o petroleo...

O *Monte* levantava um grande Casino, arnava uma roleta luxuosa, dançava cotillions com marcos de Paris, jogava *lawn-tennis*, tomava banhos no meio dia, em *toilettes* complicadas?

*S. João* dançava polkas no edificio dos Banhos da Poça, jogava o *croquet* quando se sentia viçioso, vestia um fato de bañta vulgar, e tomava o seu banho, lavando os ouvidos para não gastar em casa a agua doce...

Assim vivem os dois irmãos, parecendo-se por fora, mas olhando-se por dentro, verdadeiros Abel e Cain, á beira mar plantados!

O pae, o *Santo Antonio*, participa dos dois, em chalet e em banhistas. Mas nada tem de pessoal, a não ser um bem lançado edificio de banhos, moderno, de gosto, com piscina e rendilhados arabes.

Pouco adiante d'elles, a velha e sempre renovada *Cascaes*, lança-lhes o seu *torijon* historico, de fidalga de poucos lavares e muitos avós.

Assim como Pedrouços é a praia classica do Commercio, Paço d'Arcos a da Bueroacia, e os Estoris as da Burguezia, Cascaes é a praia do *High-Life*.

Podem inventar outras praias, elegantissimas, metter-lhes progresso, luz electrica, *sport*, luxo. Nenhuma consegue supplantar Cascaes — em titulos!

Quem tem titulo, tem essa alaganda em Cascaes. Póde ir de visita, ás outras praias. Outubro passa-o, infelizmente, em Cascaes.

Cascaes é o baluarte do *high-life* que se banha: Não póde mesmo entrar no livro de oiro da elegancia patria quem não se encaifur durante um mez nas viellas tortuosas de Cascaes, quem não nadar de costas ou de agulha diante da sua miuganda lingua de areia, vestido de malha, quem não passar na amostra de alameda, que se pendura sob as muralhas da Cidadella, e dá pelo nome de *Passeio Maria Pia*, vestido de *touriste*, quem não vir entrar o mar na Bocca do Inferno, vestido de *gohaman*, quem não jogar o *tennis* nas lindas *courtes* do *Sporting-Club*, vestido de flanela, ou não apontar inco tostões no 33, na roleta do Casino, vestido de bañta!

Cascaes não é para elles o sitio onde vão procurar oxygenio-para o sangue e goso para os sentidos. Cascaes é o seu *posto*. Não vão lá, fíem que lá ir... Porque só a idea de que o vermelho pavilhão real poderia estar içado na Cidadella, sem que elles estivessem em Cascaes, os faz estremecer de horror!



Em Cascaes

... Que diria Sua Magestade El-Rei, se passasse a guiar o seu *phantom*, e os não visse na estrada da Guia curvados até no chão?!...

Credo!...

E eis-nos em pleno Atlantico.

Dobremos o cabo da Roca.

Aproemos no norte, deixando para traz a serra de Cintra, dentada pelos castellos dos Mouros e da Pena; e a pequenina *Praia das Moças* esculpida nos penedos.

Ali é a modesta *Ereiceira*, escondida n'um *bondar* de escuras rochas, e escarpadas alcantia, frequentada por um certo numero de familias, que procuram o socego de espirito na convivencia plaída umas das outras, e a revivificacao do corpo nas aguas claras das viraçoes.

A costa continua alcantilada, até ao cabo Carvoeiro.

Nas alturas vê-se Peniche, e depois Obidos. Vem ahi dar a Lagoa, e mais adiante recorta-se a poetica bahia de S. Martinho do Porto, com a capellinha no alto, a vigia-a, e os seus typicos barcos ancorados.

Nas suas casitas claras, vive de verão a mais sympathica das colonias.

Apesar de resumida, diverte-se, e vae passando a estação n'uma serie de *pic-nics* pelo interior, que é pingue de passeios—ás Caldas, a Alcobaca, á Batalha, etc.—e em serenatas pela bahia.

Sahimos de lá e continuamos, costa a costa, frente a frente com as areias moveidias que cercam a *Nozareth*.

Praia tambem pacata, historica pelo milagre de D. Fuas Roupinho, e notavel pela cor verde, forte, unica, das suas aguas.

De manhã, os pescadores partem da praia, cá em baixo, para o mar, e os banhistas partem da povoação, lá em cima, para a praia.

Avante!

Eis-nos em frente do cantado Mondego, e da movimentada *Figueira da Foz*, que o espera, á beira do oceano.

Aquelle enorme acampamento, que se estende sobre o areal, são as barracas de banhos. Cerca de 400, em média, ali se arman todas as manhas!

Uma multidã variada, de todos os cantos do paiz e de Hespanha, vem tomar banhos á *Figueira*. A sevilhana salerosa do bairro de la Triana, e o bojudo viscontur da Bairrada, esperam a onda, lado a lado...

A pallida romantica de Lisboa ou de Coimbra, ceuta, no *Casino Peninsular*, o sertetto, lado a lado com o exportador realista do Norte...

No *Casino Mondego* dançam valzas as 6.<sup>as</sup> condesas de qualquer coisa e as 7.<sup>as</sup> filhas de qualquer alfyate...

Por toda a parte se encontra gente variã. Todas as provincias tem ali representantes. Todas as classes se figuram. Ha musica e roletas por todos os lados e para todas as provincias.

Ali vae a provincia de Traz-os-Montes... Toma dois banhos por dia para se poder ir embora mais depressa...

Aquella familia... é Beira Alta. Acaz... e roletas por todos os lados e para todas as provincias.

Ali vae a provincia de Traz-os-Montes... Toma dois banhos por dia para se poder ir embora mais depressa...

Aquella familia... é Beira Alta. Acaz... e roletas por todos os lados e para todas as provincias.

Ali vae a provincia de Traz-os-Montes... Toma dois banhos por dia para se poder ir embora mais depressa...

Aquella familia... é Beira Alta. Acaz... e roletas por todos os lados e para todas as provincias.

Ali vae a provincia de Traz-os-Montes... Toma dois banhos por dia para se poder ir embora mais depressa...

Aquella familia... é Beira Alta. Acaz... e roletas por todos os lados e para todas as provincias.

Ali vae a provincia de Traz-os-Montes... Toma dois banhos por dia para se poder ir embora mais depressa...

Aquella familia... é Beira Alta. Acaz... e roletas por todos os lados e para todas as provincias.

Ali vae a provincia de Traz-os-Montes... Toma dois banhos por dia para se poder ir embora mais depressa...

Aquella familia... é Beira Alta. Acaz... e roletas por todos os lados e para todas as provincias.

Ali vae a provincia de Traz-os-Montes... Toma dois banhos por dia para se poder ir embora mais depressa...

Aquella familia... é Beira Alta. Acaz... e roletas por todos os lados e para todas as provincias.

Ali vae a provincia de Traz-os-Montes... Toma dois banhos por dia para se poder ir embora mais depressa...

Aquella familia... é Beira Alta. Acaz... e roletas por todos os lados e para todas as provincias.



Praia d'Algós

praia da *Figueira*, para ser o porto da *Figueira*. Vamos bordejando, junto à enorme e linda curva que faz a praia, até *Buarcos*.

Buarcos é um appendice da *Figueira*. Recebe os banhistas que sobejam de lá, e recebe também de o outro lado do rio, até *Beaumont*. É uma praia só protectorado.

Adiante. Ali se eleva a costa, no Cabo *Mondego*, para depois se abeirar no oceano e seguir ao lume de água, cheia de dunas, monotonicamente n'uma grande sensaboria de aspectos, n'uma grande tristeza de vegetação!

Passam-se horas a ver pinhas.

Estamos agora em frente da *Costa Nova* e de outras praias que servem os habitantes de *Ilhavo*, *Aveiro*, *Ovar* e toda a região do sul.

Não praias concelhias, para uso quasi exclusivo d'esses concelhos, especies de casas de banhos d'elles, em que nós não devemos metter o nariz...

Continuemos por isso a peregrinação, outra vez em frente das dunas, até que as primeiras casas dos pescadores de *Espinho* nos ponham alerta.

Espinho. Aqui temos uma das mais conhecidas praias do paiz.

Praia classica no jogo, de verão, e nas furias do mar, de inverno...

Frequentadissima, cheia de animação, viva como as sardinhas que pesca!

A sua grande rua, o *Chiado*, está sempre cheia de gente; os seus cafés estão sempre lá e Cunha; as suas doze roletas tem sempre frequencia; as suas barracas sempre banhistas.

Em Agosto parece uma praia hespanhola, pela gente; e em Setembro continua a parecer-o, pela animação.

O tilintar da prata, a musica dos cafés, os silvos das locomotivas, o bater das ondas, as exclamações dos pescadores que pucham as redes, as gargalhadas andaluzas, e as buzinas das *bicycletes*, confundem-se no ar, de manhã até à noite, e dão a *Espinho* um cunho de vida que não ha nas outras praias.

É um contraste vivo com a linda *Granja*, que logo a seguir emerge, de entre os pinhas.

Aqui tudo é pautado, discreto, cheio de diplomacia...

Os seus *chaleis*, muito elegantes, só accordam à 1 hora da tarde. Toma-se banho ás duas, com pouco barulho e muitos cumprimentos.

Almoçam-se coisas francezas ás tres.

As quatro vae-se para o pinhal, de luvas, e vestidos de seda. Conversa-se bem, ri-se baixo, e joga-se o *Tempt*, sem se fazer bafota...

As 7 jantam-se outra vez coisas francezas, e fuma-se um havano puro.

As 9 vae-se para a Assembléa, em *smoking*, dança-se com extremo chic, organisam-se *bals de tites* e *collons*, e namora-se com suprema linha.

A meia noite recolhe-se ao tudo, depois de um aposto de mão muito diplomata, e nós seguimos o nosso roteiro para o norte...

Aqui vem desembocar o Douro.

Estamos em frente da *Foz*.

A *Foz* é o *Pedrouços* do norte.

A poucos minutos do Porto, tanto em carro electrico como em carro a vapor, é como que uma continuação da rua de Santo António.

Na sua alameda sobre a barra, ou na sua alameda sobre o mar, o que se encontra hoje é o que se encontrou hontem a fazer compras na *Praça Nova* e a namorar no S. João...

Apenas aqui, o Porto é mais dado, apparece mais, conversa mais, joga, dança e organisa festas. É o mesmo recebido com outra cõdea...

Segue-se, a poucos minutos, depois de um descampado, *Mattoinhos*, a conhecida praia que o porto de *Leixões* encaixotou, mas que as antigas

frequentadores não abandonaram, patrioticas e heroicamente resolutos...

É frequentada pela mesma gente que a *Foz*; é traçada em esquadria, á marquez de *Pombal*, tem uma boa Assembléa de sala circular, dois cafés com hespanholas cantando *peteneras*; e uma alameda sobre o rio *Leça*, onde, ao som de uma banda, nos domingos e quintas, o Porto masculino e feminino passeia e suspira, em redor de uma estafeta de *Passos Manuel*, vestido de caixeiro de loja de modas, para mal dos seus peccados!...

Do outro lado do rio, branqueja *Leça da Palmeira*, a praia escolhida pelos iogezes do Porto, que para lá levaram os seus habitos, os seus pés, as suas mestras, e até os seus neveiros...

É uma praiasinha pittoresca, lavada, com penedias escondendo trechos de areia, onde o *all right*, os fatos brancos das filhas do *Tamisa*, e o apuradmo dos filhos de *Albion*, nos dão a sensação de estarmos nas costas do paiz de *Galles*, em plena patria do *rosabeef*!

Seguimos para o norte, em frente das dunas.

Eis-nos na foz do claro *Ave*, que de um lado banha *Acurara*, praia de gente socogada, e do outro banha *Villa do Conde*, praia frequentada por gente moça. É a praia de gente moça e linda nos póros do sol, e tem o condão de prender quem para lá vae. Mais adiante — termino do ramal que vem do Porto, — a *Poesa do Varzim* apparece-nos, e terminamente pescadora e cheia de cafés! De verão tem sempre muitas mósicas, muita gente, e muito jogo. As mósicas são naturaes de lá. A gente é vinda das cidades e dos campos minhotos.

O jogo é vindo do universo. Dos campos é tanta a concorrencia, que os homens e as mulheres dormem promiscuamente nas mesmas casas, e é preciso apagar a luz, para elles se despirem á vontade!...

A praia é magnifica, e tem banhos todo o dia.

A patria dos valentes poeviros é, de resto, ainda notavel pela sua rua da *Junqueira* — o seu *Chiado* — e por ter entre os seus frequentadores mais lezes o poeta *João Penha*.

Vogamos em pleno mar que banha o Minho.

A costa é deliciosa de aspectos. Os milhos veem até á fimbria da água e os pinhas corçam as montanhas.

Acolá abre-se a pittoresca *Apúlia* e logo a seguir *Espozende*.

Passamos em frente da foz do quieto *Lima* e da trabalhadora *Vianna*.

N'um amphitheatro de verdura avistamos *Alfê*, e n'outro a praia de *Azore*, muito pittoresca, no seu renque de casas alegres, e na curva da sua praia, que é das mais bonitas do paiz.

Lindas banhistas, vindas de Braga e de *Guimarães*, tomam o seu banho de onda...

Deixemol-as, infelizmente, e vamos a terminar a nossa peregrinação maritima, n'esta pequena e appetitosa praia de *Molede*, de onde escrevemos, no enlevo de alma em que este cantinho de Portugal nos traz, com as sombras do seu pinhal de *Camarido*, o tom pallido da sua areia, a belleza maravilhosa das suas tardes, a variedade dos seus passeios pelo *Alto Minho*, o panorama da entrada do rio, com o monte hespanhol de *Santa Têcla* e a insua portugueza a vigial-o, e a vida amena que aqui levamos, entre banhistas sem pretensões, e gente dos campos, que nos sorri francamente, e nos offerece maçãs e uvas — de graça!... — no seculo XIX...

Praia de Molede.

ANTÓNIO BANDEIRA.



Antes de entrar n'agua



Praia de Paço d'Arco



## O theatro moderno dos scandinavos (4)

HENRIK Hertz (2), Frederik Paludan-Müller (3), Chr. Knut Molbech (4), Iens Chr. Hostrup (5), os principaes contemporaneos e successores de Oehlenschläger no theatro dinamarquez.— com excepção do delicioso drama lyrico do primeiro, *A filha do rei René (Kong René's Datter)*, traduzido em todas as linguas europeas, e do *Kalanus* de Paludan-Müller,— não produziram obra que emparelhasse com as melhores do grande mestre (6).

D'entre os contemporaneos suecos de Oehlenschläger nenhum astro se elevou cuja luz ofuscasse o brilho do autor de *Hakon Jarl*. Este confronto esmagador limitou ao modesto papel de satélites, dramaturgos do quilate de Bernhard v. Beskow, a quem cedemos o lugar de honra na litteratura dramatica sueca, durante o periodo a que nos vamos referindo.

Os dramas d'este poeta notavel distinguem-se pela pureza e pelo brilhantismo do estylo, — embora um tanto rhetorico, — são bem urdididos e ricos em effeitos scenicos, peccam, porém, pela falta de espontaneidade como pela ausencia d'aquella phantasia exuberante prodigalisada a mãos cheias nas composições de Oehlenschläger. Não obstante,

*Torkel Knutson, Gustaf Adolf i Tyskland (Gustavo Adolpho na Allemanha), Erik den fjortonde (Erik XIV)* entram no numero das obras primas do theatro tragico da Suecia.

August Blanche, E. J. Stagnelius e Joh. Jolin (auctor e actor), inferiores, sem duvida, a v. Beskow em merito litterario, disputaram-lhe a primazia no gosto do publico; e, de facto, bastaria a graça perenne do dialogo nas comedias de Blanche, para captivar o espectador e lhes con-



Blanche

servar até hoje a popularidade de ha trinta annos. Joh. Björjesson, — emulo de Beskow em um drama com assumpto e titulo igual ao *Erik XIV*, — e o malgrado Karl A. Nilsander, não desdoiraram as letras patrias com o pouco que deram ao theatro.

## IV

Emquanto a Suecia e, na vanguarda, a Dinamarca, tomavam a peito honrar a memoria gloriosa de L. Holberg, patenteando ao resto da Europa a crescente robustez intellectual do Norte scandinavo, a Noruega ia criando um centro litterario autonomo, lançava as bases, e preparava material para um edificio exclusivamente seu, mal cuidando, talvez, que elle havia de atrahir a admiração do mundo culto, na segunda metade do nosso seculo, operando pela novidade da architectura e da orientação esthetica, uma como que revolução nas letras europeas.

A emancipação litteraria foi consequencia da emancipação politica proclamada em 1814. Cabe ao democrata Henrik Wergeland, poeta e dramaturgo distincto, a gloria de haver radicado bem fundo o sentimento nacional, — essa grande fonte de inspiração, — com o patriotismo exaltado de que deu provas frisantes no pamphleto *Danmarks politiske Forbyrdelser imod Norge*, (Os crimes politicos da Dinamarca contra a Suecia).

J. S. Welhaven cresceu para Wergeland com idéas conservadoras, rodeou-se de numerosos adeptos, e a lucta travou-se encarniçada, até com manifestações hostis, em pleno theatro, contra as peças do patriota intransigente.

Este periodo de effervescencia prolongou-se até 1845. O sedimento começou então a precipitar-se; a turvação foi

desapparecendo, e na morte de Oehlenschläger, em 1850, já a limpidez era quasi perfeita.

Foi n'essa epocha que o theatro norueguês fixou as suas feições caracteristicas, de uma originalidade inconfundivel, com o apparecimento dos dramas de Ibsen e de Björnsterne Björnson; e, a par de composições notaveis não só em todos os generos litterarios como nas sciencias e nas artes, deu proporções titanicas á litteratura moderna do Norte scandinavo, e fechou com chave d'ouro o seculo XIX.

Henrik Ibsen completou 71 annos a 20 de março. Ninguém descortina hoje nos traços physionomicos do ancião sisudo e pautado, o temperamento fogoso, irrequieto e bulhento do moço extravagante cursando os estudos irregularmente.

O grande reformador do theatro moderno foi contemporaneo do creador genial do drama lyrico. Entre outros pontos de afinidade, nota-se n'estes dois grandes cerebros a forma do desenvolvimento intellectual. Nenhum d'elles apresentou aquella precocidade prodigiosa, esforço morbido que exhaure, quasi sempre, de um só rasgo, o thesouro da inspiração. Subiram a passo curto, mas firme, sem paragens. A grande altitude attingida, não lhes toleu o folego. O *Parisfal*, composto por Wagner aos 63 annos e *John Gabriel Borkman* escripto por Ibsen com a mesma idade, longe de denunciarem o minimo enfraquecimento das faculdades, os tentam a virilidade de espiritos na pujança da vida; vê-se n'elles a scentelha do genio, fulgindo brilhante a cada passo.

Tanto um como o outro, conheceram por experiencia propria quanto é cruenta a lucta pela vida, viram a fome sentada á sua mesa, e não chegaram ao apogeu da gloria sem rasgar as carnes nos espinhos que juncam o caminho até lá.

Fóra dos paizes scandinavos, foram a Allemanha e a Inglaterra os primeiros que chamaram a attenção dos seus homens de letras para o novo dramaturgo. Em 1872 appareceram as primeiras traducções allemãs de *Kongs Emnerne* e do *Brand*. Et *Dukkehjem* (*Uma casa de bonecas*) representouse em Vienna d'Austria, em 1880, no *Wiener Stadttheater*.

Em 1873, Edmund Gosse escrevia o primeiro estudo sobre os dramas de Ibsen, publicado no volume de *Studies in the Literature of Northern Europe*. A França reputa-se o cerebro da Europa, mas só 16 annos mais tarde soube da existencia do escriptor norueguês pela traducção deficiente dos *Gengangere* e do *Et Dukkehjem*, devida á penna do conde de Prozor e prefaciada por Edouard Rod. Este facto não surprehende, sabendo-se que os dois mestres da critica theatral em Franca, o fallecido Sarcey e Jules Lemaitre, desconhecem as linguas e as litteraturas estrangeiras e só respeitam o theatro do seu paiz; d'ahi o acolhimento frio, quasi aggressivo, d'estes criticos ás obras de Ibsen. Taes arancos de patriotismo, — além de impetuosos quando se trata d'arte, — não conseguem mascarar a ignorancia, e dadas as exigencias da critica moderna, e do desenvolvimento actual da instrucção em materia d'artes e de letras, não conferem bullas de propheta, nem na propria, nem em terra alheia.

E' certo, porém, que o genio acaba por impôr-se. No livro mais recente de Lemaitre já lemos, por exemplo, o seguinte periodo, rematando a apreciação de *John Gabriel Borkman*: «... et que je n'ai pas vu résister partout à ce charme de rêve et de mystère, dont le génie d'Ibsen enveloppe jusqu'à ses plus faibles créations (7).

(Continua.)

FREITAS BRANCO.

(1) V. os numeros 8, 10 e 14 do *Brasil Portugal*.

(2) Auctor das comedias: *Plutosagen* (*O dia da mudança*), *Amor's Gemstregter* (*Os lances geniais do amor*), *Sparakassen* (*A caixa economica*); e dos dramas: *Svend Dyrings Hus*, *Kong René's Datter*, *Tre Dage i Padua*, *Den eneste Feil* (*o unico defeito*).

(3) A peça mais popular de Paludan-Müller é o drama romantico *Kjaerlighed ved Hoffet* (*Amor na corte*); — *Kalanus* é-lhe muito superior litterariamente.

(4) As principaes peças de Molbech são: *Amrosius*, *Faraos Ring* (*O anel do Pharaó*), *Opald* (*Para cima*).

(5) De Hostrup, apontamos as comedias *Gjenboerne* (*Os vizinhos defronte*), *En Spura i Trænedst* (*Um pardal na dansa dos grouns*), *Eventyr nat Fodreisen* (*Aventura em viagem a pé*); e os dramas: *Eva*, *Karens Garde* (*O protector de Catharina*), *Under Snefog* (*Debaixo da tempestade de neve*).

(6) Note-se que nos referimos sempre á litteratura dramatica. Paludan-Müller, por exemplo, deixou-nos no seu espolio litterario além do drama *Kalanus*, outra obra prima de valor excepcional, — o poema *Adam Homo*, — inspirado talvez pelo *Don Juan* de Byron.

(7) Impressions de Théâtre. Dixième série, pag. 87.

# O movimento associativo rural



ORRIMENTEMENTE se diz que o povo português é avesso á idéa associativa. Nego.

Um povo, que, em fins do século xvi, enceta o movimento associativo dos "Compromissos," e das "Confrarias," dando origem a montepios e associações de socorros mutuos, que ainda hoje vivem; um povo que, no século xv, cria as "misericordias," essas instituições que não tsem superior nem igual em nenhum paiz da terra, como diz Garrett; um povo que, no século xvi, funda e mantem os "celeiros communs," um povo que tenta, em 1848, seguir

as passadas do movimento cooperativo francez, e que de 1867 para diante consegue implantar o, não é um povo contrario á associação.

Entretanto, á afirmativa passou em julgado, e repete-se com insistencia, tomando ares mais decisivos, ainda, com referencia ás populações ruraes.

E, contudo, as misericordias bem cedo se tornaram n'um mixto de sociedades de assistencia e credito agricolas; os celeiros communs, como o seu nome indica, sempre foram instituições ruraes; associações de seguros agricolas começaram a apparecer em 1867; a Real Associação da Agricultura é de 1860, tendo como precedesora uma sociedade agricola; já hoje a cooperativa de consumo — Liga dos Lavradores do Baixo Alentejo — já dá annualmente 200 contos de réis; a dos lavradores do Douro, de 30 contos de réis; e, em cinco annos de vigencia, a lei de 5 de julho de 1894 deu origem a 22 syndicatos agricolas!

Para avaliar o alcance do que fica dito, e a injustiça da accusação de que o agricultor portuguez não é associavel, é preciso não fazermos comparações com outros paizes, sem nos lembrarmos que a nossa area cultivada e cultivavel, é de 8,932,000 hectares e a nossa população rural de 3,215,003 habitantes, tendo uma grande parte do territorio — o Alentejo — menos de 25 habitantes por kilometro quadrado.

Portanto, não ha reluctancia para a associação.

Os focos associativos multiplicam-se e os que existem prosperam.

Haja vista na Liga dos Lavradores do Baixo Alentejo fundada, sem a lei syndical, em 1887. Ao segundo anno de vida contava um giro commercial de 25 contos; em 1893 ascendeu a 25 contos e 1895 a 70; em 1898 a 94 contos; no corrente anno a réis 218,588,800.

Este movimento crescente vem principalmente da compra de adubos chemicos para a cultura do trigo, assim em 1892 compraram-se 117,090 kilos, em 1894 compraram-se 587,072 kilos, em 1896 compraram-se 816,500 kilos, em 1898 compraram-se 1,051,740 kilos e no corrente anno o consumo da Liga deve exceder duas mil toneladas de adubos apropriados ás terras, garantidos e mais baratos que nas compras individuais.

Isto é um duplo exemplo de quanto vale a forma associativa para a prosperidade dos socios pela mais facil introdução do progresso agricola; de quanto vale o paiz, porque esse exemplo da cultura do trigo pelo adubo chemicoz fez passar a produção cerealifera do districto, de 6,000 moios em 1894 a 34,000 moios em Almeida, e com que o valor liquido do trigo passasse de 200 contos a 1898; fez com que o valor liquido do trigo passasse de 200 contos a perto de 1,000 contos; fez com que tivessimo said mettidos á cultura, em poucos annos, 15,000 hectares de charneca, só no districto de Beja.

A Liga dos Lavradores do Douro tem hoje 700 socios e funcionando como cooperativa, tem feito n'estes ultimos tres annos fornecimentos no valor medio annual de 300,000,000 réis, fechando a ultima administração, em março de 1890, com 2,904,800 de saldo disponível que repartiu pelos corpos gerentes, fundo de reserva, dividendo aos accionistas e bonus de consumo.

N'outros ramos da associação agricola encontramos este povo, tão injustamente accusado, fundando em 1867, em 1874, em 1878, sem lei especial, verdadeiras sociedades de seguros mutuos para gado, no fundo da provincia, em sitios longiuos: em Oleiros, na Almeida, em Beira Alta e Beira Baixa; na região ribatejana da Chamusca, em Verride, em Santo Varão e em outros pontos do districto de Coimbra, sendo no concelho de Montemor-o-Velho elevadas á categoria de instituições municipaes.

E, para accentuar a significação e valor do mais antigo, que eu saiba, d'estes compromissos, o de Oleiros, convem descrever essa região, onde funcionam quatro associações de seguros mutuos para gado.

O concelho de Oleiros é um dos mais alpestros do districto de Castello Branco; toda a sua vasta superficie de 88,254 hectares é um largo tracto de terreno inculco e accidentado, onde se não encontra vegetação. Só no valle da ribeira de Oleiros se vê terra cultivada e no mais, apenas em retalhos esparsos pelas ravinas das encostas escarpadas, pelos valles fundos, onde a população laboriosa tem a lutar contra a rocha, que, a poucos centimetros da superficie, constitue um sub-soo telmoso e ruim. Á desarborisação é geral na maior parte do concelho. Os seus 8,133 predios rusticos tem uma superficie media, approximada de 6,3 hectares por predio. E em 10,430 habitantes, 9,500 são analfabetos.

Pois bem, n'essas paragens, em meados d'este seculo, foi assi-

gnalo o primeiro compromisso de que tenho conhecimento, para seguro mutuo de gados; foi n'este chão ingrato que nasceu e medrou, para os agricultores portuguezes, essa planta de fructos de ouro que é a mutualidade; foi d'essas cabeças rudes que veio o exemplo.

Portugal, apesar de contar só 22 syndicatos agricolas (1), já os tem de todos os tamanhos: districtaes, concelhios, parochiaes e regionaes.

Entre os primeiros, contam-se os de Santarem, Evora e Aveiro; entre os ultimos, os de Torres Vedras e Santa Citta; o de Alpiarça é parochial. Todos os restantes são concelhios.

Qual é a melhor circumscripção?

Não se poderá responder em absoluto a esta pergunta. Na pratica do nosso paiz vemos prosperar o districtal de Santarem, o parochial de Oleiros, o parochial de Alpiarça e o regional de Torres Vedras, para citar um só de cada tipo.

As circumstancias e os meios é que indicam o melhor caminho para o exito. Uns e outros tem suas vantagens e inconvenientes.

Os syndicatos districtaes dispõem de uma grande força, tanto para os negocios com fornecedores, aos quaes levam larga frequencia, como para representarem junto dos poderes publicos em favor dos interesses agricolas. Entre nós tem, quanto a mim, outra vantagem, qual é o de receberem do seu gremio socios longiuos. Estes, vivendo n'outros concelhos, ou n'outras regiões, onde o meio se não presta á formação d'um syndicato — e quantos meios assim ha por esse paiz fora — perderiam todas as vantagens que d'esta forma podem gosar.

Temos um exemplo de casa do syndicato de Santarem: um dos seus mais prestantes socios, que todos os annos vem citado no relatório da direcção, como intelligente experimenterador de melhoramentos agricolas colhidos por seu intermedio, estaria condemnado a não utilizar com tanto proveito as regalias de um syndicato se o de Santarem não fosse districtal. O meio em que vive, n'um concelho sertanejo, contaminado por essa lepra corrosiva da politica de campanario, não se presta a associações de qualquer genero.

Entretanto, não occultarei que a ligação, a união que deve existir entre a direcção, o syndicato e a politica é mais difficil de realisar sob a forma districtal, por isso que, espalhados por uma grande zona, os seus socios mal se conhecem. Da mesma forma, ha maiores difficuldades quando se trata de criar a sociedade n'um determinado melhoramento cultural.

Não succede tal no syndicato de Santa Citta, por exemplo; abrange uma pequenissima zona de tres freguezias e a grande maioria dos seus socios é constituída por pequenos agricultores, metade dos quaes não sabem ler nem escrever.

Mas, seja qual for a sua area, o facto é que a forma syndical vae prestando relevantes servicos por esse paiz fora e preparando as populações rurales para outros empreendimentos associativos de maior alcance economico e social, taes como caixas de credito mutuo, caixas economicas, sociedades de socorros mutuos, de assistencia, e de providencia.

Os nossos syndicatos tomaram todos a forma de cooperativas de consumo, para começarem, e n'esse ramo tem muito bem servido a causa agricola não só pela melhoria e economia dos generos fornecidos, como pelo exemplo e lição de aperfeiçoamentos culturais.

Com effeito, o syndicato de Nellas, por exemplo, viu de um anno para o outro augmentar em mais de 137 p. c. a tonelagem dos adubos consumidos nas propriedades dos socios; accendendo-se o acrescimo nos adubos simples e diminuindo consideravelmente a compra das formulas completas e geralmente condemnaveis.

O syndicato de Santarem augmentou de 1,338 por cento a tonelagem das suas requisições de adubos de 1897 para 1898, e o de Reguengos accresceu o consumo em adubos de 674 por cento de 1895 para 1898.

Como progresso é muitissimo e tambem é sobremodo auspicioso, tanto para a vida dos syndicatos como para o progresso do paiz, o constante augmento de consumo social n'estas agremiações. Não se mede ás centenas de mil réis mas sim a contos de réis.

Reconhece-se, dizem os directores do syndicato de Santarem, que a progressão vae na razão de 1 para 2 por anno; o que é lisonjeiro e esperançoso para o futuro do nosso syndicato.

As economias de que os socios tem gosado nos seus fornecimentos são importantes. O syndicato de Nellas só no sulphato de cobre economisou varias centenas de mil réis aos socios, alcançando uma differença de 10 réis em kilo a seu favor. A differença no enxofre entre o preço feito para o syndicato e o preço do mercado foi de 100 réis em arroba.

O syndicato de Torres Vedras, no seu primeiro anno de geren-

(1) De syndicatos existentes até esta data são os seguintes por ordem alphabetica: Syndicato Agricola de Almemzar, de Angra do Heroismo, de Alpiarça, de Alor do Chão de Aveiro, de Estremoz, de Évora (dual), de Faro, de Figueiras do Fundão, de Gafanha de Guimarães, de Lagoa (Açores), de Leiria, de Montemor-o-Velho, de Nellas, de Pêloa, de Santa Citta (1 homar), de Santarem, de Santo Thyrsio, de Torres Vedras, de Vila Viçosa.

cia, obteve uma differença de 28 réis no sulphato, de 255 réis nas barricas de enxofre Brandram e de perto de 500 réis no enxofre em pó.

Este syndicato já entrou no caminho de contratar fornecimento no estrangeiro, suprimindo assim o intermediário.

O syndicato de Reguengos alcançou nesta ultima campanha cultural, em beneficio dos seus socios, 28500 réis de economia em tonelada de superphosphato de cal.

O syndicato de Santarem tambem, no primeiro periodo de gerencia, economizou para os seus socios, nas saccas de enxofre 270 réis, nas barricas de flor de enxofre 960 réis, no kilo de sulphato de cobre 17 réis. A economia foi superior a 12 %, sem falar na redução de fretes e na boa qualidade dos generos comprados.

No segundo anno o lucro dos socios foi superior, foi de 15 %, em média na totalidade dos fornecimentos, representando alguns centenas de mil réis poupados á agricultura districtal pelo simples systema da compra em commum. Imagine-se a importancia da verba se o numero de socios fosse de alguns milhares!

E poderia fazer igual comparação em todos os syndicatos nacionaes, se isso não fosse fastidioso para quem me lê.

Entretanto ha ressaltar por meio de numerosos — que são argumentos decisivos — a maneira por que o syndicato portuguez presta já relevantes serviços á lavoura; mesmo sem se arrear da sua primeira forma de cooperativa de consumo, que por dizer: economia de dinheiro, garantia de genuinidade, fornecimento a tempo e horas.

Mas ainda mais tem trabalhado os syndicatos.

Em Santarem, no Fundão, em Montemor-o-Velho, em Reguengos, pelas tentativas feitas até-se para brava a organização de cooperativas de venda, se os outros gerentes teimarem em estudar esse aspectto syndical.

Os syndicatos de Felgueiras e de Reguengos já poderam adquirir com as suas economias edificios onde se instalarão.

O syndicato de Evora ainda ha poucos meses realizou uma notable exposição agricola regional, que Sua Magestade El-Rei houve por bem honrar com a sua visita, galardoando a sociedade promotora com o titulo de Real e com a Sua presidencia honoraria.

Campos de experiencia e de demonstração teem estabelecido e dirigido os de Montemor-o-Velho, de Nellas, de Reguengos.



## Contos Pequenos

Vem cá, Pedro; haloica-me.

E deitava-se na rede, onde toda se aninhava, os olhos meio serrados, a ouvir chilrear os pardaes na espessura mysteriosa dos ramos.

Era creoula e viua a morgada, cilios negros, pestanas ramudas, tez morena afozeada e labios humidos como polpas de ginja cortada. A morgada, todas as tardes, ao fugir da calma, e quando principiava a viração do mar, vinha reclinar-se na rede; e ali lieva as vezes até tarde a escutar no silencio esses mil indistinctos rumôres que salpicavam as solidões.

Era o Pedro que a haloica-va sempre. Se de se a via adormecida, desviava-se cautelosamente para junto do lago dos Cysnes, onde se punha a scismar 'n' umas coisas intangiveis e vagas como os sonhos mal detalhados. E que pensaria o Pedro? Nem elle o sabia, coitado! aspiração sem norte, desejos confusos, extasis que vibravam no fundo da sua alma atristada, projectos sem corpo, todas essas ignorancias vigendas que não despertaram ainda quando se tem quinze annos só, vividos no ambiente puro dos campos.

Ninguem lhe conhecêra os paes, ao envelheido.

Só a governante da morgada, ao vê o passar, cajado ao hombro, a caminho da matta, dizia: «aquillo é filho de principe... não se me tira da cabeça...» E talvez que a velha Dionisia tivesse razão. Se elle era tão distincto, o diacho do rapaz, mesmo com aquellas vestes grosseiras! O que á tia Dionisia dava que fazer era a sua cabelleira loira ondeada e os seus olhos azues e tristes:

— Não ha que vêr: aquillo é filho de gente fina...

As dez annos fizeram-o guardador de cabras: depois foi ajudante de jardineiro; e um dia, quando o velho matteiro deu a alma ao vento, o morgado — que Deus tenha — deu-lhe o logar do morto. O Pedro logo 'n' essa tarde tomou posse da cabana modesta, na orla da matta

E se o primeiro d'estes syndicatos muito tem estudado para formar a guarda rural dos predios dos socios, para federar as chamadas sociedades de lavoura (seguros de gado) existentes no concelho, se levou a effeito um brilhante e útil concurso de gado bovino e de gado suino, se estudou um plano de irrigação para o Campo da Borralha e realizou experiencias de regas 'n' essa campina; o terceiro apontado tem feito ensaios com leveduras seleccionadas, com o triturador de tojo e vides, com o sulfureto de carbone no tratamento das vinhas, tem conseguido propagar a alfalfa agricola melhorada, tem logrado estender a cultura das arvores fructiferas e tem tratado com toda a sollicitude de obter do governo a construcção de uma linha ferrea que ligas Evora com a linha de Zafra a Huelva alcançando que os municipios e os proprietarios concorram com subsidios importantes para esta obra...

E os dois, cada um por seu lado, o Syndicato Agricola de Montemor-o-Velho, e o Syndicato Agricola de Reguengos fizeram mais de o melhor valor moral ainda.

Refforo-a já tentativa de organização do credito agricola regional, que no mesmo anno de 1897 surgiu em ambos elles sob a forma de estatutos para caixas economicas e de credito.

Alguem de maior auctoridade do que eu, o sr. dr. Anselmo de Andrade, no seu primeiro livro — *A Terra — faz o elogio d'este empreendimento primeiro. Mostra como os syndicatos podiam substituir o credito pessoal para os cultivadores pouco abastados, que, na phrase de um escriptor inglez, não teem credito porque são pobres e são pobres porque não teem credito, e depois acrescenta: «A forma preconizada pelo Syndicato Agricola de Montemor-o-Velho, é talvez a de mais facil aproveitamento entre nós. Os socios de mais conhecida capacidade de credito formariam uma sociedade com direitos reservados á admissão de novos socios, sendo a responsabilidade d'aquellas para com os capitalistas ou estabelecimentos bancarios, garantia presumivel da solvabilidade dos socios successivamente admittidos. A direcção d'esse syndicato ajuziaria da capacidade de credito de cada um dos associados e poderia servir de intermediaria entre ellas e as entidades capitalistas.»*

O Syndicato francez de Polygny, que tem o credito assim organizado, presta por tal forma relevantes serviços.

A Liga dos Lavradores do Baixo Alentejo vai tambem entrar 'n' este caminho glorioso.

D. LUIZ DE CASTRO.

quasi ao pé do lago dos Cysnes, e a dois passos do carvalheiro a que se prendia a rede da creoula.

Este isolamento tornou-o mais melancolico, mais arredo, mais concentrado, mais pensativo; e muitas vezes o surprenderam á beira do lago, braços cruzados, com as lagrimas nos olhos, ou a cantar umas estrophes em que havia soluços e ais. Viu-o assim a morgada, e desde então sentiu-se tocada pela simplicidade d'aquelles queixumes doridos que achavam echo no intimo do seu ser.

Desde então, quando se aninhava na rede, e lhe dizia — vem cá Pedro... haloica-me... — a sua voz tinha modulações cariciosas, humides, mansas, supplicas expressas a medo, como de quem se espera a confidencia de maguas secretas para deixar cair o balsamo de uma consolação.

— Vem cá, Pedro, haloica-me...

O pinhal deixára de arfar, que a viração caira de todo; os pardaes nem já davam signal de vida na espessura mysteriosa dos ramos; a matta escurecia mais e mais; e apenas o coaxar rouco de uma rã solitaria rompia o silencio dormente da natureza, ao passo que a rede fazia ranger as pernadas do carvalheiro.

— Vem cá, Pedro... Deixa te estar ahí... aqui... mais perto... haloica-me de vagar, muito de vagar... assim...

E toda aninhada, pendente o braço torneado e rijo, os pêstios emergindo de entre um tufo de alvas fimbrias, a cabeça rolando ao vae-vem da rede, os labios entre abertos 'n' um suspiro, a morgada baixou os olhos desde os ramos mysteriosos, serrou-os um quasi nada sobre a cabelleira loira do matteiro, e ficou se immovel, abastada a pairar no vago...

A rã calou se discretamente, as sombras condensaram se, e os proprios ramos uniram-se de todo, fechando a entrada á curiosidade impertona das estrellas...

O Pedro então curvou-se para a rede, cravou o olhar 'n' aquelles olhos mal velados, e, mansamente, cautelosamente a scismar nas coisas intangiveis e vaporosas dos seus sonhos de creança, desviou-se d'aquelles labios vermelhos e humidos como polpas de ginja cortada...

LORODÓ TAVARES.

# A CASA ONDE MORREU EDUARDO COELHO



Eduardo Coelho quando fundou o Diário de Notícias



**M**INHO FRITO, PEGA MORTA... No dia seguinte áquelle em que Eduardo Coelho despedia os últimos operarios da casa que mandara com tão apurado gosto edificar na rua que hoje tem o seu glorioso nome, despedia-se elle tambem da vida, que durante approximadamente meio século nunca lhe fora mais do que uma porliada luca sem descanço.

O ninho estava feito; só restava que a morte se encarregasse mais uma vez de confirmar o fatal ríto. E n'essa triste noite de 14 de maio de 1889 — data que ainda agora poderá ler-se no amarellecido calendario que desde então, ha mais de dez annos, como que obedecendo á paralyzação de movimento d'aquelle palacete subitamente em lucto, ficou por desfolhar na ampla sala do seu escriptorio de trabalho — o fundador do Diário de Notícias adormecia para sempre no socego absoluto da morte — no socego unico que o destino reservara a quem tanto e tão esforçadamente trabalhara em vida. — Já não tenho operarios n'esta minha casa nova, dizia elle n'esse dia a um seu empregado e amigo. Agora posso morrer descançado!

Essa casa nova, em que o popular jornalista havia sonhado passar tranquillamente a velhice, não era outra senão a da antiga rua dos Cardeos de Jesus n.º 29, a hoje denominada de Eduardo Coelho. O predio, de estilo moderno e original, elegante e apalaçado, e a cujo risco presidiu o intelligente architecto do municipio de Lisboa sr. José Luiz Monteiro, e deu escriptura a mais exacta e pulcherrima execução o mestre geral da camara sr. Manoel Gouveia Junior, assenta sobre os alicerces d'aquelle em que morrera, em 1811, o poeta Nicolau Tolentino de Almeida, e d'algumas das suas salas principaes — as de recepção e de jantar, o escriptorio e bibliotheca annexa — publica hoje esta revista as photographias primorosas, devidas a um artista distinctissimo o sr. Arnaldo Fonseca.

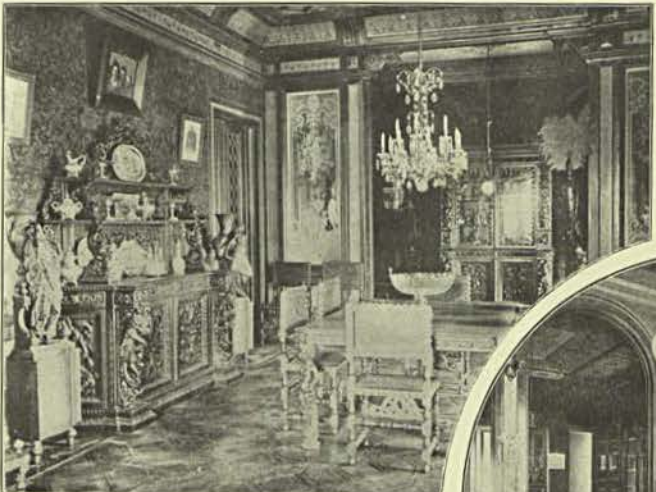
Nicolau Tolentino terminou os seus dias pouco mais ou menos no logar correspondente ao escriptorio que uma d'essas photographias representa.

Da modesta residencia do popular poeta que tão espiritualmente satyrizara os costumes da sociedade portugueza dos fins do século XVIII, fez Eduardo Coelho, á custa d'uma boa parte da sua fortuna tão honrada e custosamente gasta, uma casa modelo, embora com mais apuro de arte do que pesadas ostentações de luxo, coarçada por um *bêveder* a muitas dezenas de metros acima do nivel do mar, d'onde a vista alcança até á barra, uma habitação, enfim, com todos os requizes de bom gosto que um espirito de eleição poderia exigir para seu gozo intimo.

D'uma descripção publicada em um jornal de Coimbra e evidentemente inspirada por Eduardo Coelho, na epocha em que elle, já doente, visitara a sua terra natal, reproduzo as seguintes notas como authentica explicação das gravuras que estas breves linhas acompanham:

"Tanto a casa de jantar como a sala do 1.º andar constituem cada uma tres salas com divisões envidraçadas de muito bom gosto e novidade, ainda raras odespuzos de illustre architecto sr. Monteiro, representando as divises da sala 4 grandes estatuas gravadas em tons diferentes de gravura em vidro com quatro das mais bellissimas *Fabulas de La Fontaine*, desenhos de Gustavo Doré, gravura quasi desconhecida entre nós e do mais lindo effeito, tendo o possessor da casa de jantar caças, naturas mortas, flores e haizellas em grandes grupos.

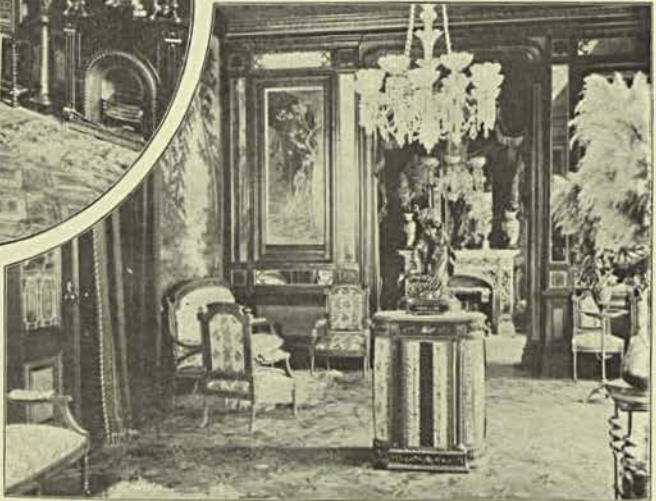
Os vidros da fachada principal tem esculpuras gravadas em flocos com thetas, laços e monogrammas e os da fachada do jardim são grandes vidros musseis da fabrica do Labo Mondego.



Sala de jantar



Escriptorio



Salão

Nas portas e janellas interiores da bibliotheca, casa de jantar e quartos ha lindas *esdrusas* de vidro do genero denominado *caudral*, portuguez, flocos, da maior perfeição e effeito de luz. Todos estes vidros, *esdrusas* e gravura em vidro, de muitas chapas de 2 metros de comprimento, de um gosto digno de aplevitar-se e propagar-se em boas edificações modernas, são da notavel casa de Paris, rua do Faubourg St. Denis, M<sup>rs</sup> Lemaire & Roguet.

A decoraçáo das salas, que é simples e de bom gosto, foi confidada ao habil pintor decorador o sr. José Maria Pereira Junior, que pintou alguns primores sobre os bellissimos estuques artisticos e singularmente bellos do melhor estucador de Lisboa o sr. Domingos Meira, havendo tambem alguns tetos francezes das primicias casas de Paris, de onde tambem são a maior parte dos riquissimos papeis que vestem as paredes das salas principaes, Theophile Patley e Demant.

Os parquetes são portuguezes e suizos.

Fechando esta noticia, que, ao tempo em que foi escripta (maio de 1888) não podia referir-se á magnifica mobilia que só mais tarde veio a ser adquirida, e em que se encontram verdadeiros primores d'arte, como são os grandes e ricos moveis da bibliotheca e das salas de recepção e de jantar, executados nas officinas da extincta casa Barreira, o jornal onde encontrei os periodos que ficam transcritos termina com este singelo mas justo commentario: "E' a digna habitação de um jornalista, que chegou, ao fim de uma vida laboriosissima e afortunada, a poder fazer construir uma casa para si, simples e bella."

Essa ampla e confortavel habitação não foi todavia para o seu proprietario mais do que a antecâmara, por bem pouco tempo usufruida, da ultima e sombria morada onde elle hoje repousa em um dos cemiterios da capital.

Admirador de Nicolau Tolentino e deseioso de perpetuar, por mais uma forma, a memoria do insigne sonetista, Eduardo Coelho tentava mandar collocar no predio uma lapide commemorativa que honrasse a memoria do poeta. Elle proprio redigiu os discursos que essa lapide deveria conter, e, algumas semanas antes da expirar, quando a doença ja lhe entorpecera os movimentos, ao fazer-me percorrer comigo o palacete a que se estavam dando os ultimos retoques, me foi mostrar no seu escriptorio, em um quadralongo de madeira toska que representava as dimensões exactas da inscripção projectada, aquellas dizeis escriptos pelo seu proprio punho mal firme firm os seguintes, que, por curiosidade, aqui deixo archivados:

O muito concelheiro e popular poeta satyrico portuguez Nicolau Tolentino de Almeida passou os ultimos dias da vida que tiveram termo aos 22 de junho de 1811, no predio sobre cujos alicerces foi elevada esta casa, na qual se aproveitaram, para memoria, dois arcos de cantaria que davam accesso á morada do poeta.

Este nasceu em Lisboa a 9 de setembro de 1740.

Nicolau Tolentino morreu pobre depois de haver passado a vida a implorar, com uma humilidade que era quasi uma humilhação, as dadivas e os beneficios dos ricos. Eduardo Coelho, sem incensar os ricos nem liongear os poderosos, antes pelo contrario procurando sempre abater todos os orgulhos, exaltar todas as modestias e levantar do nada os que, como elle, mereciam que do nada se erguessem ás culminações da fortuna e da consideração social, morreu, não certamente na opulencia, mas na abastança independente, depois de haver gasto á larga, em proteger desvalidos e em auxiliar todas as iniciativas generosas, tanto ou mais do que havia honestissimamente accumulado para garantir o futuro dos que lhe eram queridos.

Se alguma vez, pois, se levar a effeito a idéa de collocar, em honra de Tolentino, a lapide que Eduardo Coelho projectara, outra lapide deveria, pelo menos com razão igual, collocar-se lhe a par — a que consignasse que no mesmo predio em que fallecera o espiritoso poeta do século passado, morreu, quasi 78 annos depois, o jornalista mais popular e benemerito que no século que está correndo viveu em Portugal.

Nem esta idéa offerece novidade. Foi esse um dos primeiros alvires apresentados á commissão que ha annos se constituiu, eleita por uma grande assembleia de amigos, collegas e admiradores de Eduardo Coelho, para consagrar, por meio de um monumento condigno, a memoria do insigne jornalista.

Por motivos facilmente comprehensíveis, quem escreve estas linhas nunca accitou a honra de pertencer a essa commissão que foi organizada com homens de coração e de intelligencia, de que alguns d'elles, como Souza Martins, já não pertencem ao numero dos vivos. Se algum pedido, contudo, me fosse licito dirigir aos que ainda possam attendel-o, seria, além do que naturalmente me dicta o ardente desejo de ver concluidos os seus trabalhos com honra para todos, o de não deixarem no esquecimento o alviro a que alludo.

Ha annos, visitando Coimbra em companhia de alguém intimamente ligado pelos mais proximos laços de parentesco ao fallecido jornalista, fui ver a modestissima casa, proximo do Arco de Almedina, onde elle nasceu em 23 de abril de 1835.

Em presença d'essa edificação, acanhada em dimensões e maltratada pelo tempo, onde viu a luz o homem que tão grande e decisiva influencia veio a exercer em tantos assumptos de vital interesse para o seu paiz, accudiu-me ao espirito essa accidentada vida que decorrera desde as privações dos primeiros annos, quando, por morte do chefe da familia, que os mil sacrificios feitos pela casa liberal haviam reduzido quasi á miseria, Eduardo Coelho e sua mãe e irmãos se viram na mais tormentosa situação, até ao amplo desafogo de meios que á fortuna, como justa compensação dos revezes soffridos, lhe viera a proporcionar mais tarde.

Ocorreram-me esses dramas intimos de privações quasi incomprehensivel, desenrolados em mansardas escusas de velhos predios da capital, onde tantas vezes pelo espirito de Eduardo Coelho ajeitava sinistra a idéa, que em uma hora de desalento começou ainda a pôr em pratica, de terminar a existencia para elle convertida n'um incomportavel supplicio de todos os instantes.

Era o tempo em que, para me servir das suas proprias palavras, a sorte o trazia a parodiar os capitulos tristemente alegres de Henri Murger; em que, á noite, ceava com as estrellas amigas n'aquella velha traqueira de uma travessa da baixa onde "não lhe molhara os pés a cheia da in-eje, nem se atreviam a preparar as dolorosas honrarias da calumnia, amargos mimos dos dias de prosperidade. "A minha porta, recordava elle com saudosa ironia, 18 annos depois, em um folhetim conagrado á memoria de um seu amigo do então, o poeta Van Dester, tinha uma fechadura... de segurança, de que os meus amigos todos sabiam o segredo. Fuxado por fóra um certo cordão, abria se."

Foi até d'esse pequenissimo esconcho que apenas tinha uma janella onde não cabia mais do que uma cama, que Eduardo Coelho lançou á publicidade os primeiros prospectos d'um jornal noticioso de 10 réis, precursor do Diário de Notícias, mas que não devia, como este, vender-se avulso nas ruas, e se chamaria *Boletim Noticioso*.

D'ahi, d'essas traqueiras e mansardas, até chegar enfim a instalar-se, mais alquebrado pelos soffrimentos do que pela idade, no elegante palacete da sua rua, que eponia de luctas heroicas para vencer com honra, para se impor sem violencia, para se popularizar sem o esforço de ridiculos reclamos, para enfim triumphar, pela té nos mais nobres ideaes, pela persistencia na virtude, pela dedicação e pela bondade, da indifferença e da mesquinhez do meio em que nascera!

ALFREDO DA CUNHA.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

ANUNCIOS

SOBRAL & ALBANDRA

ESTADO DE LISBOA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

ESTADO DE LISBOA

1889

# AS AGUAS DE MOURA



M que doenças são eficazes as aguas de Moura?

Por ser elevada a sua mineralisação atrevo-me a recommendar-as em todo o grupo de molestias que tem por característica pathologica os desvios nutritivos.

Na grande familia morbida tão genialmente concebida por Bouchard (\*) apoz o impulso iniciador de Beneke avultam os grandes syndromas: *lithiase biliar, obesidade, gotta e lithiase urinaria, diabetes, etc.*, conforme o atrazo de nutrição incide sobre a cholesterina, as gorduras, os uratos ou sobre o assucar.

Em todos estes estados grandes manifestações do quebrantamento circulam as pequenas manifestações do vicio bradytrophico: as desordens gastro-intestinaes, os estados hemorroidarios, as encaqueas esciaticas, as bronchites, a asthma e as repercussões da pelle.

Em todos estes estados influem certamente, como poder correctivo valioso, os elementos constitutivos da sua quota mineral.

Onde porém a sua efficacia curativa se affirma triumphante, com predomínio indiscutivel sobre todas as fontes hydro-medicinaes do paiz é nas doenças das vias urinaes com origem bradytrophica: nos catarros e calculos.

Este effeito benefico confirma-se, repetindo-se em todos os doentes que veem fazer a sua estação de aguas. Chegam no primeiro dia excretando urinas de elevadissima densidade, grossas, carregadas em cor e depositando enorme quantidade de uratos, um augmento de diurese nos primeiros dias, arfata quantidades surpreendentes de depositos vermelhos, arfias, até que no fim d'uma semana, pouco mais ou menos, a limpidez se accentua consideravelmente, chegando a fazer lembrar a urina da creança!

E' este facto, de verificação facil e evidencia frisante, que mais impressão os doentes, levando-os a felicitarem-se ruidosamente pelos effeitos colididos.

O effeito sobre os calculos uraticos já formados é, como facilmente se prevê, menos rapido por mais difficil a sua acção. A desagregação opera-se contudo e, no fim da estação, tem-se operado a redução a arfias ou a pequenos fragmentos viáveis para o calibre da urethra.

O argumento mais fortemente comprovativo do valor dissolvente das aguas em relação aos elementos de formação dos calculos uricos é, quanto a mim, o que mostra a clinica local.

Impressão a falta, por assim dizer absoluta, de doentes calculosos, mesmo d'aquelles em que circumstancias particulares poderiam levar a supor formações de depositos phosphaticos ou oxalicos.

Em tres annos ainda me não foi dado *tocar uma pedra* e os collegas já com vinte annos de clinica activa confirmam-me esta impressão. Ainda mais os casos de calculos vesicaes que aqui existem (dois sómente em oito mil habitantes) parece viem reforçar o conceito levantado em que se devem ter as virtudes lithontriticadas das aguas; é

\*) Deixo n'este ponto as controveras de Bouchard por me parecer que, se modificam, não destroem os fundamentos da sua concepção.

n'elles tão radicado o vicio do trabalho bio-chimico, estão tão preventivos os processos de desassimilação que mostram ser quasi irreversiveis.

A um dos doentes já me referi no principio: só tem tido pequenos accessos de colica nephretica precedentes da expulsão de pequenos calculos; o outro, já velho, parente proximo do primeiro, arrasta a vida por entre os incommodos de uma cystite calculosa rebelde.

Um terceiro caso, que ainda conheci mas que é anterior a minha vinda, completa estes dois e duplica-lhes a significação no meu ponto de vista: foi o de um collega, irmão do doente da cystite e tio das colicas, ao qual diversas lithontricias só foram capazes de procurar alivios de poucos mezes de duração e que por fim morreu em Lisboa, victima, creio eu, da purulencia em que veio dar o seu catarro de hexiga.

Esta rebeldia á cura em individuos com tantas *affinidades humoraes* julgo-a argumento *pro* porque não ha meios therapeuticos de acção absoluta.

DR. DIOGO ACABADO.

Acompanhando as excellentes photographuras que n'este numero publicamos, daremos aos nossos leitores uma mais ampla noticia do que a simples indicação da sua epigraphie e com satisfação o fazemos, pois é-nos grato auxiliar a iniciativa do renascimento nacional em todas as manifestações da actividade industrial que caracteriza os fins do seculo XIX.

A vertiginosa carreira a que a vida moderna das grandes civilizações obriga os seres humanos, n'uma luta titanica, pelo pão de cada dia, mais difficil se torna de momento para momento, arrastando os famintos para outras regiões onde procuram um bem estar que o solo patrio lhes nega, redobra o exercicio das faculdades vitaes, depauperando o organismo e debilitando as forças, o que obriga o mundo trabalhador a procurar a restituição d'ellas no uso das aguas medicinaes de variadas composições, que a natureza com mão prodiga espalhou pelo globo terrestre, para que o homem possa, de um modo facil, adquirir os meios de reparar as avarias, que um excesso de trabalho lhe produziu na saude.

Portugal assignala-se entre os paizes mais favorecidos pela existencia de mananciaes minero-medicinaes, e as suas aguas maravilhosas, são usadas de tempos immemoriaes para remedio das doenças chronicas, a que a therapeutica não encontra facil substituição na manipulação das drogas mais ou menos repugnantes que enriquecem os formularios medicos.

Entre as variadas aguas que estão n'uma exploração mais ou menos desenvolvidas, as aguas de Moura tem occupado um lugar distincto, pelos magnificos effeitos do seu uso; e a collocação da villa de Moura, a fertilidade dos seus campos e igualdade do seu clima, favorecerem de um modo singular o tratamento dos doentes que all vão aliviar os seus padecimentos.

Uma falta se notava até hoje. O estabelecimento balnear existente

era, por assim dizer, primitivo e não havia um hotel onde decentemente qualquer se pudesse hospedar.

O accesso tambem era difficil antes da chegada do caminho de ferro até Pias. Hoje apenas 14 kilometros, escassos, se fazem em via ordinaria, por uma excellente estrada macadamizada, e dentro de pouco ainda este leve inconveniente será suprimido, pois que está autorisada a conclusão da estrada de ferro até á villa de Moura.

A empreza que obteve a concessão das Aguas de Moura, pelo seu contracto com a Camara, está obrigada a construir no prazo de um anno uma casa de banhos no estylo moderno, que satisfaça as exigencias mais completas, e a montar um hotel de primeira ordem.

Ambas as clausulas estão-se executando, e ainda antes do termo assignado no contracto funcionarão hotel e casa de banhos.



VISTA GERAL DA VILLA DE MOURA

Ao que porém a empresa não estava obrigada, e que ella bizarramente executou, era a construção d'uma casa que puzesse o publico em termos de beber a agua na propria nascente, com todas as commodidades e de modo a utilizar no engarrafamento o gaz acido carbonico que sustenta em dissolução os carbonatos, de que as aguas são tão ricas, aproveitando, os que fazem uso d'ellas, todas as virtudes medicas que ellas lhes dão.

E essa casa foi construida, tendo de profundar uma consideravel altura, e tendo de comprimir, á força de cimento da melhor qualidade, as aguas que extravazavam, o que obrigou a uma grande despesa. Porém hoje está conhecido até á evidencia que as aguas de Moura se tomam em absoluto estado de pureza.

E a par da construção da casa das aguas, os melhoramentos feitos na explanada do velho castello de Moura, transformaram este local n'um verdadeiro sitio de recreio, que será o ponto da reunião dos frequentadores das aguas e da melhor sociedade de Moura.

E aquelles que viram antigamente a estrumeira do Castello, a arcação dos carros da limpeza da villa, as cavallerças e outras dependencias do mesmo genero, que rodeavam e se sobrepunham á fonte milagrosa, poderão avaliar o merecimento dos trabalhos executados pela empresa sem obrigação alguma de o fazer!

A collocação do hotel, estabelecido n'uma das melhores casas de Moura, que, pelas suas proporções, bem se pode chamar um palacio de construção absolutamente moderna, foi das mais acertadas, pois



FORTE MEDICINAL

será alli proximo o terminus do caminho de ferro do sueste, e os passageiros só terão que atravessar uma linda praça, para, á sahida do comboio, se transportarem ao hotel.

Pela parte de trás do hotel prolongar-se-ha um parque ajardinado, que offerça commodas sombras aos hospedes nas horas do calor; e, as abundantes minas d'agua que alli existem, refrescarão este sitio encantador, onde a Camara conta fazer embelezamentos, pelos quaes todos a hão de louvar.

JOSÉ MARIA PEREIRA.



## José Pinto de Sousa Lello

É o actual proprietario da importante livraria-editora Chardron, a primeira do paiz, e constitue um dos mais frisantes e honrosos exemplos de quanto póde a intelligencia, alliada á tenacidade e a um trabalho honesto.

Natural de uma ignorada aldeia de Trás os-Montes, foi em tenra idade para o Porto, onde se dedicou ao commercio. As suas publicações litterarias levaram-n'o entretanto a fundar, em 1881, uma modesta livraria na rua do Almada. E tão depressa e tão bem o negocio foi conduzido, que, dentro em pouco tempo, fazia o sr. Pinto Lello successiva aquisição das seguintes livrarias: F. G. da Fonseca, Paulo Podestá, A. R. da Cruz Coutinho, J. E. da Cruz Coutinho, e por ultimo a de Ernesto Chardron, considerada já então, e com fundamento, como a primeira livraria do paiz.

Hoje a livraria Chardron possui nos seus armazens um deposito colossal de obras impressas, com certeza o maior de Portugal, pois n'elle estão empregadas approximadamente 600 toneladas de papel; e n'elle se encontram edições e obras de fundo de mais de 3:000 obras de auctores portuguezes. A leitura do seu catalogo é por demais vantajosa e instructiva.

Tem esta casa avultadas transacções com o estrangeiro, e notavelmente para com o Brasil, para onde faz um commercio valioso. Devem-se-lhe as edições dos melhores livros da nossa litteratura moderna; e actualmente estão-se imprimindo alli obras de Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Abel Botelho, Basilio Telles, José Sampaio (Bruno), etc.; bem como a monumental reconstituição da *Historia da Litteratura Portuguesa*, de Theophilo Braga.

A casa Lello dá trabalho constante a 30 typographos; e nas suas officinas de encadernação trabalham 25 operarios.



Sousa Lello



# BRASIL—PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Impresso na Typ. do Commercio  
TRAVESSA DO SACRAMENTO AO CARMO, 3 e 7

Editor — LUIS ANTONIO SACHES  
Redac. e administr. — R. Ivens, 53 — LIBRERIA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	(moeda brasileira).....	Anno.....	A. mo.....
Numero avulso		6 mezes.....	6 mezes.....
		3 mezes.....	Numero avulso.....
		Numero avulso.....	

## SUMMARIO

### Os judeus na Europa

Choreas electricas — BRASIL PORTUGAL.  
A guerra — TERRAS DE MANUEL D'ARRIAGA.  
A Grã-Bretanha e o Transvaal — ANTONIO ENNES.  
As praias portuguezas — ANTONIO BARREREA.  
Contos populares — LOPES TAVARES.  
O movimento associativo rural — D. LUIS DE CASTRO.  
A casa onde morreu Eduardo Coelho — ALFREDO DA CUNHA.  
As Aguas de Moura — DR. DIENHO ACARADO.  
José Pinto de Sousa Lello.  
Theatro — ANSEL BOTELHO.

### Páginas supplementares

Agentes no Brasil.  
Os judeus na Europa  
Curiosidades.  
Sciencia facil.  
Recetas  
Horas d'ouzo — F. A. DE MATOS.  
A caça ás serpentes — COSTE MUDO.

30 ILLUSTRACOES

## AGENTES NO BRASIL

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes nos diversos Estados do Brasil:

- RIO DE JANEIRO** (provisoriamente) João José da Silva Lima.
- PERNAMBUCO** — Leopoldo A. da Silveira.
- PARÁ** — Manuel Ferreira Santos Junior (cna. sa Very Well).
- MANAOS** — Lino Aguiar & C.º
- MARANHÃO** — Leoncio J. de Medeiros & C.º
- CEARÁ** — Salles Torres & C.º

A Empresa BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação dos seus correspondentes em todos os outros Estados.  
Com elles se poderão entender directamente todos os srs. subscriptores d'esta publicação, no Brasil.

Muitos são os escriptores que se tem occupado d'esta eterna questão, encarecendo uns e deprimindo outros o papel que a familia israelita exerce e exerce ainda na civilisação europea.

A falta de accordo e até o formal contraste que se nota em varios estudos de este interessante problema, residem talvez principalmente na diversidade de aspectos ou pontos de vista em que tem sido considerado.

Em relação ás epochas modernas, prova as estatísticas e a observação geral; que a criminalidade dos judeus é menor

que a dos christãos; que o numero de nascimentos é maior e o de obitos menor que o dos francezes, por exemplo; que a sua vida é notavelmente mais dilatada que a dos christãos; que são admiraveis o seu espirito pratico, a sua actividade e constancia no trabalho, a sua mira invariavel nas riquezas, e o seu escrupuloso respeito ás leis.

Censura-se lhes, é certo, a falta de espirito cavalheiroso e talvez a falta de delicadeza e escrupulo no seu viver commercial. E d'isto vem naturalmente a continuação da tradicional antipathia que

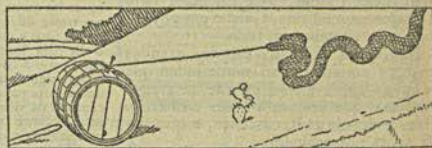
elles em geral inspiram aos christãos. Porque actualmente, em razão de uma civilização mais adiantada, não há já os odios de seita, acirrados por uma fé viva, que arremessavam ferozmente os homens uns contra outros em nome de um Deus intolerante e vingador. Entretanto a causa apontada de um sentimento menos fino e delicado dos judeus não se nos affigura rasão bastante para malquerenças, intolerancias e perseguições.

Teme muita gente, exaggerando-a, a influencia dos judeus nas sociedades modernas. Que perigo nos pode advir de surgir de vez em quando da familia israelita um Spinoza, um Heine, um Meyerber? Que razão poderia aconse-

## A caça ás serpentes



I



II

# Conselho d'Amigo...

## Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!



## CURIOSIDADES

## O rabicho das chinezes

Na China toda a gente usa o rabicho pendente pelas costas e a frente da cabeça e nuca cuidadosamente rapadas.

Aqueles trezentos milhões de cabeças a rapar todos os dias exigem uma prodigiosa quantidade de barbeiros.

O barbeiro chinês é uma das personagens que não tem equivalente no mundo. Desde madrugada deita-se a correr pelas ruas levando ás costas, pendurada da ponta d'um longo bambú coroado pela figura d'um animal chimerico, toda a ferramenta do officio. Mal o seu olhar experimentado descobre um vimdante, cujo craneo não está perfettamente limpo, atira-se a elle, e o freguez, assim apanhado de subito, encontra-se em breve sentado n'uma cadeira, sob um largo guarda sol espetado no chão.

Num abrir e fechar d'olho está tudo prompto. A agua ferve n'uma caldeira, a bacía, as pinças, a escova das orelhas, a perola de cor. Já encostada n'um pedaço de marfim e destinada a limpar os olhos, tudo se dá dos estojos e está exposto desante do paciente. Começa então o «chan pa», operação mysteriosa, composta de passes magicos, cujo rapido effeito se traduz n'uma doce somnolencia para a victima.

Neste estrado, a sua cabeça entorpecida deixa-se girar em todos os sentidos, obedecendo ás mãos do barbeiro, que, com uma presteza sem igual, deixa passar a navalha triangular, grossa e pesada, mas facil de manejar, e de tres de breves minutos, sob os raios d'um sol ardente, o craneo do freguez torna-se d'uma alva perfeita, tomando as apparencias de uma bola de marfim.

Em seguida passa-se á preparação e asseio do rabicho, em que os chinezes tem o maior cuidado, e a que ligam uma grande importancia, cuja perda seria irreparavel, porque na vasta escala do funcionalismo publico, desde os mais desprezíveis até ao mandarin, aquelle que deizasse cortar o rabicho estaria irremediavelmente perdido. Conta-se d'um estrangeiro que, tendo-se refugiado n'uma casa para escapar ás consequências d'um assassinio committido em plena rua, conseguiu com a mesma faca com que praticara o crime cortar o rabicho ao agente de policia que o capturou. De nada lhe valeu; mas foi uma vingança como outra qualquer, porque a execução do mandador da lei se verificou no mesmo dia do criminoso.

Este querido rabicho, lava-se, perfuma-se, enuncia-se com um esmero muito particular. O chineze, já não pode passar sem elle, que, de resto, se lhe torna, não um objecto de luxo, mas um traste de incontestavel vantagem pelos variados usos a que se presta. O creado serve-se d'elle para limpar os moveis; o mestre-escola emprega-o á laia de junco para fustigar os dedos dos discipulos; recalcitrantes; o arriero tem all um chicote para castigar as eslimaras; e o homem cansado da vida não precisa d'outra corda para se enforcar. E' o rabicho que o barbeiro agarra para manter o operado em posição conveniente; é com elle, enfim, que o carrasco cumpre a missão de mandar para o outro mundo o grave subdito do filho do Sol e da Lua. Só é um traste incommodo para o trabalhador, que se vê na necessidade de enrolar o «re» volta do peçoço.

## Uma cidade condemnada á morte

D'aqui a alguns annos Bombaim deixará de existir! Eis porque: desde agosto de 1856 que a grande cidade indica estar sendo dizimada por incessantes epidemias de peste; de outubro de

1856 a fevereiro de 1857 verificou-se que 389.000 pessoas tinham d'all fugido. Junte-se a este numero o desamparo causado pela mortandade. Outra causa do futuro aniquilamento de Bombaim é o crescimento do nivel annual das aguas subterraneas de 0,20. Ha onze annos esse nivel estava a 3 metros da superficie da terra. A differença, hoje, n'esse nivel é a superficie do solo de 17,30.

Este resultado é consequencia d'uma canalisação defeituosa, que tem reagido contra todas as tentativas de melhoramento. A peste, pois, e a inundação converterão dentro em pouco a grande cidade indiana n'um lago, cercando riuas inhabitaveis!

## A PESTE

A peste bubonica remonta á mais alta antiguidade; contudo, a epidemia, a que com certeza se pode dar este nome, foi a que se declarou em 542 na Europa, vindo, ao que parece, de Pelusa, no baixo Egypto. Chegou a Marselha em 588, d'onde subiu e se espalhou por todas as Gallias. Foi tal a mortandade que, segundo diz Gregorio de Tours, se enterravam os mortos aos dez e doze na mesma covra. Depois até 1347, peses se lhe o craneo. Foi então que rebentou a famosa morte negra do seculo XIV, que, de 1347 a 1350, fez na Europa 25 milhões de victimas; e fez morrer ao todo uns 40 milhões de pessoas.

O que caracteriza, diz o Dr. Thoinot, a evolução da infecção nos cinco seculos que se seguiu, é o seu recuo lento, progressivo, mas continuo. A peste fez numerosas appareções na Europa nos seculos XV, XVI (peste grande de Portugal, 1560) e XVII; mas nos seculos XVII marca pela ultima vez a sua passagem em muitas regiões europeas: Dinamarca (1654), Suecia (1679), Inglaterra (onde não reaparece mais em seguida á terrível epidemia de 1665), Suissa (1663), Paizes Baixos (1669), Hespanha (1681). Em França a ultima epidemia foi a grande peste de Marselha e da Provença, de 1720 a 1722, que fez uma 80.000 victimas.

De 1772 a 1842, a peste não fere senão a Europa oriental. Turquia, margem do Danubio, Russia, Grecia e littoral do Adriatico. De Constantinopla, onde se desenvolveu em 1803 e 1813, o flagello estendeu-se ainda sobre a parte oriental do littoral mediterraneo; mas em 1840 somente a Turquia foi infectada; e depois de 1842 mais nenhum focco viraram-se notou na Europa.

A Africa e a Asia menor, vieram, por essa época, recuar o flagello. O Egypto, ferido vinte e uma vezes de 1783 a 1844, nunca mais foi visitado a partir de 1845. O Caucaso e a Syria tem estado indemnes desde 1842.

Se exceptuarmos a epidemia de Vetiianka's sobre o Volga (1877-78), a peste tem estado confinada, ha meio seculo, nos seus foccos d'indemneidade, revestindo um caracter de benignidade relativa, e mostrando pouca tendencia para a irradiação.

Estes foccos são:

1.º *Cyrenica* (Tripollonia) onde a peste se desenvolveu principalmente em 1838-59 e depois em 1873-74, no platô de Barca.

2.º *Assyria*, na Arabia. focco que tem revivido dez vezes de 1844 a 1895.

3.º *Arab-Asi*, onde, depois de dez manifestações attenuadas, de 1856 a 1865, se manifestaram grandes explosões em 1867, 1863, 1877, 1880, 1885 e 1892.

4.º *Persia*, onde appareceu quinze vezes, de 1867 a 1875.

5.º *Turkestan*, ferido em 1877, e onde ha a notar as manifestações attenuadas nos soldados russos de 1884 a 1889.

6.º *Afghanistan*, assigalado pela peste de Candahar (1884).

7.º *Indoão*, focco desde tempos immemoriaes, com recrudescencias no fim das chuvas da primavera e do outono.

8.º *Yunão*, dizimado desde 1850 pela peste, que faz remissão ligeira na época dos calores e que por vezes se estende ao Tonkin.

Julga-se que estes foccos estão situados n'uma área continua, muito longa e relativamente estreita.

Parecia que a peste estava condemnada a não tornar a sair dos seus dominios relativamente pequenos, quando, em 1854, emigrando do seu focco endemico do Yunão, irrompeu em Cantão, fazendo em poucas semanas 60.000 victimas. Bem depressa invadiu Hong-Kong, attingiu a ilha

lhar o prescindirmos d'esses genios que dão lustre e gloria ao paiz em que nascem? Alem d'isso que receio podem inspirar a uma nação alguns milhares de individuos que a ella se adstringiram e, embora de outra raça, se identificaram ao seu meio, usando a lingua commum, assimilando os usos e costumes da patria adoptiva, respeitando fielmente as leis, não pedindo favores ou exempções, não gosando privilegios, requerendo apenas o direito commum para exercerem livremente a sua actividade, e usufruindo da liberdade geral de consciencia?

Se agora volvermos ao passado, não podemos deixar de taxar de exaggeração, senão de erro crasso, a preponderancia que se pretende attribuir aos judeus na civilisação occidental.

Pode dizer-se que o documento de mais alta valia que possuímos da civilisação judaica é a Biblia. Mas um estudo attento do velho Testamento e dos moralistas da antiguidade não seria talvez muito favoravel aquelle. E ainda que se admitta que a religião e a moral christãs tenham por primeiros fundamentos a religião e a moral judaicas, é indubitavel que a moral de Jesus Christo é muito mais pura que a dos judeus; e que o christianismo desembaraçado muito cedo das formas judaicas, illuminado e com luzes de S. Paulo, S. Jeronymo e S. Agostinho, e influenciado pela moral greco-romana, distanciou-se tanto do judaismo, que pouco ou nada lhe ficou a dever.

E se em moral nada lhe deve a civilisação europea, que diremos das sciencias, das artes, da philosophia? Em poesia estamos acostumados a venerar Homero, Virgilio, Eschylo, Sophocles; em historia, Tacito, Thucydeses, Herodoto; em eloquencia Demosthenes e Cicero; em pintura Apelles; em escultura Phidias; e em philosophia Platão; em moral Epicteto, Plutarcho, Xenophonte; nas mathematicas Pythagoras e Euclides; Hippocrates na medicina, Galeno em physiologia e Aristoteles em tudo.

Não figura no cadastro dos grandes mestres antigos um só nome judeu que se possa oppôr a essa pleiade de gregos e latinos, que fizeram a nossa civilisação antes e depois da Renascença, e que ainda agora nos ensinam.

Quanto aos conhecimentos astronomicos, sobre que os judeus tinham certamente algumas luzes, não era isso apagnio d'ellas, mas de todos os povos orientaes.

E' pois um erro historico pretender filiar a nossa civilisação ao povo israelita, que, apesar do muito que se agitou no mundo, nunca produziu cousa que pudesse servir de ensinamento aos povos occidentaes.

## A caça ás serpentes



—O sr. insultou-me. Temos que nos bater á pistola. Aqui tem o meu nome. Chamem-me Scipião Coelho.

—Coelho! Não me posso bater.

—Porquê?

—Porque não tirei licença para ocaçar.

de Hainão e Macau, em 1895, e em 1896 a ilha Formosa. Por outro lado invadia o Indonésio e Bombaim, transportada pelos peregrinos a Camarão (setembro de 1896) no Mar Vermelho. D'aqui tem vindo a Londres, Marselha, Austria, por um desastre de laboratorio, e ultimamente ao Porto, importada, ao que parece bem certo, d'um focó existente nas Asturias.

### Conservação do peixe

Um systema que já foi adoptado pelos romanos, que, como se sabe, foram uns grandes peçonheiros, e que mandaram vir o peixe das partes mais longinquas, é o de o fechar em vasilhas cheias de mel. Depois verificou-se que ao mel foi substituída uma capa de assucar, e hoje sabe-se que nem isso é preciso, mas apenas introduzir na bocca do peixe, depois de limpo por dentro, uma colher assucar. Este preparo em nada altera o paladar do animal.

### Tomates grandes em calda

Escolhem-se tomates grandes vermelhos, quasi maduros; furam-se em varios lugares com um palito, e preparam-se um pouco para sahir parte do summo; em seguida põe-se em agua e levam-se ao fogo para se lhes dar uma fervura e tiram-se, deixando-se em agua fresca, onde se deixam curtir durante tres ou quatro dias, mudando-se a agua duas vezes ao dia. Depois de tudo isto, deitam-se os tomates em calda rala, dando-se-lhes uma pequena fervura e sendo logo postos em uma vasilha. Leva-se a calda ao ponto de espelha, acrescentando-se a casquinha de um limão, deita-se outra vez por cima dos tomates.

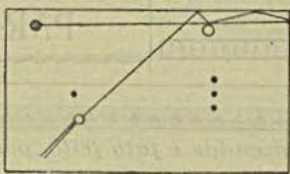
### No tribunal do Commercio:

—Mas o senhor não via que a sua quebra era fraudulenta?  
—E' que eu, senhores, sou portuguez dos de velha garra, e antes quebrar que torcer.

## Horas de ocio

### O BILHAR

#### Carambolas de phantasia



#### Charadas novissimas

Em Portugal toda a casa tem um bichinho—3, 1.  
Na hortã de convento ha este legum—2, 2.  
N'este rio uma provincia se pertuca—2, 2.  
E' agradável e delicioso sem ser doce—2, 2.  
Cria entre os deus pilos esta mulher—3, 2.  
Mulher alegre é esta mulher e que mulher—1, 1, 2.

#### Charadas em verso

Antes de uma nota  
Foi da Grecia importada—1.  
Antes de uma nota  
Um Deus é chamado—1.

Antes de uma nota  
O zelo produzirá—1.

Antes de uma nota  
E' molestia dirá—1.

A uma certa cidade  
Meu nome está ligado.  
Até na lusa historia.  
Dignamente memorado.

### Logogripos

(Por letras)

Se quiser servir-se,  
3, 6, 1, 12) Já bebendo agora,  
logo comerá.

Está já comen-  
tado, também en-

(Por syllabas e supressão de consoantes)

u o u u .o .2 .1 .1  
O .1 u .o .2 .1 .1  
.o .o .2 .1 .1  
u o u .o .2 .1 .1

### Logogripos novissimos

T	E	Q	S	M
2	1	1	1	2

### Rifa

D	E	Y	G
2	4	4	2

### Adagio

C	D	C	E	O	D	C
2	1	1	1	2	1	1

### Rifa

#### Decifrações do n.º 12 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas novissimas — *Relaxa-se, Inebriada, Gullus, A lago, Camello, Arpia, Entour, Brita maris, Linceu, Da charada dupla—Organu, Do enigma—Schauu ou Schuu, Da pergunta enigmatica—Sufuu.*

#### Correspondencia em miniatura

O. A. (Lisboa)—As suas charadas não trazem a decifração e como não nos sobra tempo para as advinhar, ficam esperando que V. S. nos diga o que ellas são. Antes d'isso não conte vol as publicadas.

Queria pedirar (7)—Não me faça a paciencia. A seu tempo será servido.

P. J. G. (Algarve)—São boas e allejadas, as publicações portuezas... ceato dos papéis velhos com ellas: de não faz cousa melhor... outro officio.

F. A. do Mavor.

## GUAS DE CARABAÑA

PURGATIVAS SEM HURTAR, DEPURATIVAS, ANTI-DIARRICAS, ANTI-ENTERICAS E ANTI-ESCROPHULOSAS

12 MEDALHAS D'OURO-10 DIPLOMAS D'HONRA

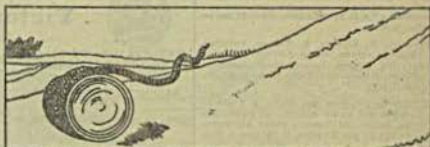
Todas as garrafas levam um rotulo com a cruz das unioes depositarias em Portugal, Lisboa e estrangeiro.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depozitaria: RIBEIRO DA COSTA & C.<sup>da</sup>

150, Rua do Arsenal, 152-LISBOA

## A caça ás serpentes



### IV



### V

## RECEITAS

### Pudim de bananas

A dez ou doze bananas bem cozidas e passadas por peneira fina junta-se um calice de vinho branco e tres colheres de manteiga; depois de tudo bem batido reúne-se lhe 350 grammas de assucar e seis ovos bem batidos como para o pão-de-ló, deite que a massa ligeira, deita-se em uma forma bem untada de manteiga e leva-se ao forno para cozinhar e corar.



# Regulador da Madre, Beirão

Approvedo pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças proprias das senhoras. Regularisa os fluxos mensaes, quando escassos ou excessivos e allivia as penosas dôres, que quasi sempre os acompanham. Recomenda-se tambem como excellente calmante nos accessos nervosos e hystericos que frequentemente procedem ou acompanham os periodos mensaes.

DEPOSITO

## DROGARIA BEIRÃO

DE

CARVALHO LEITE & C.<sup>a</sup>

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

# Soares Irmão & C.<sup>a</sup>

MATRIZ  
CASA HAVANEZA  
Rua da Installação, 7  
Vendas  
por grosso

Importação directa de todas as praças  
Caixa postal n.º 42  
Ender. teleg. HAVANEZA  
MANAOS

FILIAL  
O Barreiro Elegante  
Rua Municipal, 23  
Vendas  
a Varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portugueza. Perfumarias.

## Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites  
Portuguezes

ENDER. TELEGR. «ALDA»

C. do Corrello 212

R. 15 de Noyembro, 16

PARÁ



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tucos, Bolas e todos os accessorios  
Jogos diversos de novidade—Cartas,  
Tentos e Fixas para todos os jogos

Viua de José Alexandre de Senaa

28 - Rua Nova do Almada - 28

CASA FUNDADA EM 1834

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

## Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNecedores DA CASA REAL

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

J. NUNES CORRÊA & C.<sup>a</sup>

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166—LISBOA

Promptísimos se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços



## Empresa Nacional de Navegação

Carrua quincenal para a Costa d'África Occidental

Sabidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:

Madaira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomaz, Cabinda, Santa Anna de Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B.—Os paquetes que sahem a 6 não fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os de dia 21 por Madaira, S. Vicente e Principe.

Rua de Prata, N. 2.<sup>o</sup>



## Nova sapataria da moda

Victor Gomes & Pedroso

Premiados na Exposição de Paris de 1890

MANUFACTURA DE CALÇADO  
EM TODOS OS GENEROS

Exportação para o Reino, Africa  
e Brazil

Depo. de geral.—208 R. Augusta, 208  
61, R. S. Nicolau, 65

REGISTRADA



REGISTRADA

OFFICINA E NICHELADO:  
47, Rua de S. Nicolau, 49

DEPOSITO DO PORTO:  
231 R. de S. da Bandeira, 233

REPRESENTANTES NO PAÍS:  
J. d'Almeida Pedroso, Caixa postal 314

Concedida a maior brevidade e a melhor qualidade de calçados em todos os generos.  
LISBOA

Do Dr. Cesarrio d'Albren  
RUA AUGUSTA, 224, 226, 228

\* PROVIE OS DELICIOSOS VINHOS DO PORTO DE CONSTANTINO DE ALMEIDA \*